

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A

TORRE EM CONCURSO

Reservados os direitos do auctor que protesta contra a reimpressão ou representação d'esta comedia em qualquer ponto do Brasil sem prévia licença sua.

A TORRE EM CONCURSO

COMEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

PELO

D^a JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

—
1865

Ficção reservados todos os direitos de propriedade

A

TORRE EM CONCURSO

COMEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

PERSONAGENS :

JOÃO FERNANDES, juiz de paz.
ATANASIO, subdelegado.
MANOEL GONÇALVES, influencia do lugar.
BONIFACIO, escrivão.
BAPTISTA.
DINIZ.
HENRIQUE.
GERMANO.
PANTALEAO.
GUILHERME, official do corpo policial.
CRESPIM.
PASCOAL.
UM VOTANTE.
O SINEIRO (não falla).
ANNA, irmã de J. Fernandes.
FAUSTINA, filha de J. Fernandes.
FELICIA, sobrinha de J. Fernandes.
SENHORAS, POVO e POLICIAES.

A scena é passada em um curato de uma das provincias.

Épocha-a actualidade.

TORRE EM CONCURSO

ACTO PRIMEIRO

Praça de una acanhada povoação do interior : casas terreas e de rotulas aos lados : á direita um sobrado com janellas de peitoril, e em frente um jardim com grades baixas de páo, estendendo-se até um terço da seena, e parecendo prolongar-se para dentro : uma rua á esquerda : duas ao fundo e no meio d'estas uma igreja de triste apparencia, vista de lado : por falta de torre está o sino preso em quatro estacas a um lado da igreja.

SCENA PRIMEIRA

BONIFACIO, tendo na mão um grande papel; JOÃO FERNANDES, MANOEL GONÇALVES, ATANASIO, DINIZ, BAPTISTA, HENRIQUE, GERMANO, ANNA, FAUSTINA, e FELICIA, ás janellas do sobrado; outras SENHORAS ás janellas das diversas casas, povo na praça destacando-se em dous grupos.

JOÃO FERNANDES.

Silencio! pouca bulha! vai ser lido o edital : snr. es-
crivão, ande, leia em voz alta e bem espevitada.

BONIFACIO, lendo de cima de um banco.

A heroica Junta encarregada pelo povo d'este curato da obra da torre da igreja, tendo concluido a subscrição patriótica para o fim declarado, em sessão solemne hoje celebrada, decretou e manda que se cumpra tão inteiramente como n'ella se contém, a seguinte lei: « ART. 1º Fica creada uma torre para a igreja d'este curato, por quanto é uma vergonha que o sino esteja mettido em uma gaiola de páo. — ART. 2º. Abre-se um concurso, para o lugar de engenheiro da torre, debaixo das seguintes condições. — PARAG. 1º A obra começará antes do dia da cerração da velha e ficará prompta para a alleluia do anno que vem. — PARAG. 2º. O engenheiro ha de ser inglez de nação e ter vindo para o Brasil já barbado. — PARAG. 3º. Não havendo no curato quem saiba a lingua ingleza, exige-se que o engenheiro se faça entender ainda que seja em portuguez estrangeirado. — PARAG. 4º. Serão juizes do concurso o juiz de paz em exercicio, o subdelegado, os inspectores de quarteirão e os membros da Junta. — ART. 3º. São revogadas todas as leis em contrário. E para que chegue ao conhecimento de todos serão este edital e copias d'elle afixados na porta da igreja, e nas paredes dos pouzos das estradas mais concorridas. Curato da Serra das Batatas, 4 de janeiro de 1852. Assignados os heroicos snres. capitão de ordenanças João Fernandes, juiz de paz e presidente da Junta na falta do Rmº. Vigario que esta com maleitas, e do padre coadjutor que caiu do cavallo á semana passada: Atanasio Mendes, subdelegado; Manoel Gonçalves, Diniz Antonio Luiz, e Baptista Fagundes, mem-

bros da Junta. E eu abaixo assignado que escrevi, Bonifacio Maria Pinto, escrivão do juizo de paz e da subdelegacia; agente do correio do curato; alferes da guarda nacional; curador de muitos menores; procurador perpetuo de cinco irmandades; com casa de hotel, e de secos e molhados, ferragens, e botica homœopathica, etc., etc., Bonifacio Maria Pinto. — Está conforme. (Desce do banco no meio de applausos.)

VOZES.

Viva a heroica Junta!... viva!... viva!...

GERMANO, vindo á frente.

Peço a palavra!

JOÃO FERNANDES.

Ahi vem este maldito procurador metter embargos! a tal gente da chicana é capaz de se levantar até contra o padre nosso!...

MANOEL GONÇALVES.

Homem, ella ha de ter sempre o seu respeito pelo menos *ao venha á nós*.

GERMANO.

N'essa cousa que os snres. chamão lei, exige-se que o engenheiro seja inglez, e tal disposição me parece um insulto aos architectos nacionaes, e uma injustiça aos das outras nações.

ATANASIO.

E que temos nós com architectos?... não precisâmos de architectos para a nossa torre: queremos um engenheiro, um engenheiro, ouviu?!...

VOZES.

Apoiado ! apoiado !

BAPTISTA, a Atanasio.

Veja... veja... a gente do Manoel Gonçalves, e do malvado Diniz não deu apoiados á V. S.!!!

ATANASIO, a Baptista.

São uns bregeiros, compadre : não se lembra da guerra que nos fizerão na última eleição?...

GERMANO, rindo-se.

Tem razão, tem razão; fôra com os architectos; mas porque não querem os snres. um engenheiro nacional?...

MANOEL GONÇALVES.

É boa!... porque todos elles juntos não valem o dedo mendinho de um engenheiro inglez; porque... sim, porque tambem um sino de Braga é por força melhor do que todas as campainhas rachadas que se possão fundir na ponta d'Arêa lá na provincia do Rio de Janeiro... e tenho dito!... (olhando desapontado) e tenho dito!... (A Diniz.) Olhe, snr. Diniz, não me derão nem um apoiado!...

DINIZ.

Apoiadissimo!... (A Manoel Gonçalves.) São as cabalas do tratante do Baptista!...

GERMANO.

Tambem tem razão!... não temos na patria cousa alguma que preste; mas que predilecção é essa pelos inglezes?... pois se um francez...

ATANASIO.

Francez! o anno passado um ourives francez empurrou-me uma corrente de papagaio, jurando que era um cordão de ouro da California!...

GERMANO.

Portanto, nada de engenheiro francez; mas se um italiano...

JOÃO FERNANDES:

Abrenúncio!... nunca me ha de esquecer que um mascate italiano vendeu a minha mana um corte de alpaca avariada por seda do grande tom. (Para o sobrado.) Não foi assim, sinh'Anninha?...

ANNA.

Tal e qual : o mascate era falso como Judas Iscariote.

JOÃO FERNANDES.

Está na lei, ha de se cumprir. Queremos um engenheiro inglez para fazer a torre, e tambem para concertar o alambique da minha engenhoca, que se desarranjou o anno passado. Snr. escrivão, ande...

HENRIQUE.

Um momento : perderei palavras, mas cumprirei o meu dever. Estais fazendo loucuras! eu já vos disse que o presidente da provincia vai contemplar-me no numero dos engenheiros d'ella, e encarregar-me da direcção das obras da nossa igreja, e em tal caso...

MANOEL GONÇALVES.

Homem, você é eleitor influente de alguma freguezia?...

HENRIQUE.

Não; e que tem isso?...

MANOEL GONÇALVES.

Pois, se não é influencia eleitoral, como diabo quer que o presidente faça caso de você?...

ATANASIO.

Olhem quem quer fazer a torre! está doudo!... fóra!...

VOZES.

Fóra! fóra!... ah! ah! ah!

HENRIQUE.

Quero, sim! nasci n'este lugar; deve, portanto, ser-me grato prestar-lhe os meus serviços como engenheiro que sou. Em uma palavra, snres., a obra que com razão desejais, ha de ser executada e sel-o-ha por mim a despeito da vossa anglomania.

FAUSTINA, a Anna.

Titia, como o snr. Henrique falla bem, e com tanta graça!...

ANNA.

Desde pequenino foi sempre assim cheio de phosphoros.

JOÃO FERNANDES.

Tem paciencia, meu Henrique, nós não podemos resistir aos impetos do nosso patriotismo. Snr. Bonifacio, cumpra a lei e viva a torre!... (Bonifacio vai pregar o edital: enthu-iasmo geral.)

TODOS.

Viva! viva!... (João Fernandes canta: segue o côro, e ao som d'elle retirão-se todos.)

JOÃO FERNANDES.

A nossa torre famosa
Ha de tão alta subir
Como o foguete que vai
Entre as nuvens se sumir.

Ha de ser tal maravilha,
Que para gloria mais certa,
O sino da Candelaria
Ficará de bocca aberta.

TODOS.

Que gloria p'ra nossa terra,
Que gloria p'ra nós tambem.
Quando os sinos repicarem
Pela alleluia que vem!...

(Vão-se todos.)

SCENA II

FAUSTINA no jardim; FELICIA á janella, observando e occultando-se.

FELICIA.

Esta minha prima vive regando flôres todo o santo dia: desconfio muito que ella quer colher um cravo... mas não é do seu jardim. (Occulta-se.)

FAUSTINA.

Agora é um milagre quando me acho só. Tenho de um lado minha tia com olhos de velha que ainda quer casar, e do outro minha prima com olhos de moça que já foi casada... mas... (Observando.) Creio que vejo uma sombrinha ali n'aquella janella... isto é um tormento! (Rega, e examina as flôres, e observa á janella.) D'esta vez enganei-me... esquecerão-se felizmente de mim: estou só; mas de que me serve estar só e regando flôres, se o snr. Henrique parece que prefere as suas questões de torre á minha companhia! se elle ouvisse a minha voz talvez viesse... eu sei que uma moça chamar um homem é feio; mas tambem cantar não é chamar. Experimentemos.

FELICIA.

Olhem que esta roceirazinha é esperta como um frade velho!

FAUSTINA.

Sou namorada
Das minhas flôres;
Não tenho inveja
De outros amôres.
Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá.

Doce favonio
Mimo das flôres,
Vem dar alento
Aos meus amôres.
Lá lá lá lá lá
Lá lá lá lá lá.

FELICIA.

Oh que innocencia!
 Que amor de flôres!
 Mas eu não creio
 N'estes amôres.
 Lá lé li lô lú
 Lá lé li lô lú.

No tal favonio
 Mimo das flôres
 Stá o segredo
 D'estes amôres.
 Lá lé li lô lú
 Lá lé li lô lú.

SCENA III

FAUSTINA, regando flôres; FELICIA, observando; HENRIQUE.

FAUSTINA.

Lá vem elle... como é bonito! mas eu não chamei pessoa alguma.

FELICIA.

Entra em scena o illustrissimo snr. *Favonio*. (Occulta-se.)

HENRIQUE.

Minha bella Faustina, ouvi o teu canto e corri...

FAUSTINA, fingindo que se retira.

Ah! se eu soubesse, não tinha cantado...

HENRIQUE.

Oh! como você é má! porém, que é isso?... quer se ir embora?...

FAUSTINA.

Pois então?... se eu ficasse, podião pensar que eu estava aqui de proposito esperando pelo snr., e isso me faria morrer de vergonha...

HENRIQUE.

Por quem é, D. Faustina, escute duas palavras sómente... não seja cruel, escute...

FAUSTINA.

Está bem; mas ha de ser com a condição de fallar pouco e depressa...

FELICIA, da janella.

Já se viu um diabinho como esta minha prima!... é doutora de borla e capello na sciencia do namoro!

HENRIQUE.

Posso ter a certeza de que sua tia não virá interromper-nos?...

FAUSTINA.

Póde: ella foi contar a roupa suja que vai para o rio, e minha tia quando se mette na roupa suja fica presa duas horas, pelo menos.

HENRIQUE.

Ainda bem : ha dous dias que não nos fallámos a sós, e eu tinha tantas cousas para lhe dizer!... mas quer vêr?...

agora que meus olhos se embebem no seu rosto, as reflexões adormecem no meu espirito, o coração sómente pôde fallar, e o coração não sabe e não quer dizer, senão estas unicas palavras : Faustina! eu a-amo... sempre... cada vez mais...

FAUSTINA.

Sim... no emtanto, consente que minha tia lhe lance uns olhos de basilisco e lhe diga finezas que me fazem frios e febre!

HENRIQUE.

Sua tia! é possível que me supponha namorado de uma velha tão feia?...

FAUSTINA.

Não; não; mas se fôsse moça, snr. Henrique; por exemplo, moça e bonita como minha prima...

HENRIQUE.

Temos outra! D. Faustina, você é capaz de ter ciumes do sexo femenino em pêso!

FELICIA, da janella.

Áté que emfim entrou a minha pessoa na discussão : pois agora vou ouvir de mais perto. (Retira-se e desce para a scena.)

FAUSTINA, exaltando-se.

O snr. é capaz de negar que olha para minha prima com olhos requebrados?...

HENRIQUE.

Esta ainda é péor! Faustina, eu nunca tive olhos requebrados na minha vida!

FAUSTINA.

Como eu sou da roça, sacrifica-me à outra que voltou boneca da cidade... talvez seja sua namorada antiga...

HENRIQUE.

Esta moça vê estrelas ao meio dia! D. Faustina, tenha juízo...

FAUSTINA, irritando-se.

E ainda em cima chama-me douda! um homem que ainda hontem esteve pisando os pés de minha prima por baixo da mesa!

FELICIA, á parte.

Que mentira! coitado do pobre rapaz!

HENRIQUE.

Eu pisar o pé de sua prima! juro que não... nunca me lembrei de tal... só se foi por acaso...

FAUSTINA, exasperada.

Por acaso!... oh! então é verdade! o traidor o-confessa... meu Deus!... ah!... creio que vou desmaiar... (Enfraquecendo.)

HENRIQUE.

Faustina... oh!... eu vou saltar por cima d'esta grade...

FAUSTINA, tornando a si.

Não salte, não; espere... eu já me sinto melhor.

FELICIA, á parte.

Espichou-se completamente; não me case eu mais

nunca, se não arranjo um faniquito melhor do que minha prima.

HENRIQUE.

Faustina, palavra de honra que não pisei o pé de sua prima.

FAUSTINA.

Mas não é verdade que ella é uma moça encantadora...

HENRIQUE.

Qual! é uma feia... uma desenxabida...

FELICIA.

Que tratante! jurou-me hontem que eu era um anjo do céu!...

HENRIQUE.

Mas você, Faustina, seria capaz de ter ciumes de sua propria irmã!

FAUSTINA.

O snr. quer ouvir uma cantiga que minha madrinha me ensinou, quando eu era pequenina?...

HENRIQUE.

Ainda o-pergunta?... você quando canta, encanta.

FAUSTINA.

Moça esperta, quando ama,
Não se fia de ninguem ;
Das amigas desconfia,
E da propria irmã tambem.

Uma tia, mesmo velha,

Póde as vezes fazer mal,
Quanto ás primas não se falla,
Quem diz prima, diz rival.

HENRIQUE.

Excellentemente! a sua cantiga é exagerada nas idéas;
mas assim mesmo gósto d'ella.

FAUSTINA, abaixando os olhos.

Foi minha madrinha que me ensinou.

FELICIA, mostrando-se.

Ah! minha prima, foi pena que sua madrinha não abraisse
collegio de meninas!... (Confusão dos dous.)

FAUSTINA.

Ah! estou perdida!

HENRIQUE.

Minha snra...

FELICIA.

Qual perdida! soceguem ambos que lhes não quero
mal, e nem mesmo a quem me achou tão feia e tão
desenxabida...

HENRIQUE, á parte.

Misericordia! pequei pela lingua... estou horrivelmente
compromettido...

FELICIA.

Minha bella roceira, as que voltão bonecas da cidade
nem sempre são más : andem... deixem-se de vexames...
o que eu ouvi á pouco, já sabia a mais tempo : um dia

depois da minha chegada a este lugar, adivinhei logo que vocês erão namorados.

FAUSTINA.

Eu nunca duvidei da sua habilidade, prima; mas ôlhe que era preciso ser muito entendida n'estas materias para...

FELICIA.

Pois então?... é verdade que sou moça, mas tambem é verdade que sou viuva, e portanto devo ter experiencia n'estes negocios. E demais, Faustina, não te lembra, que eu já fui deputada, e passei quasi uma legislatura inteira no Rio de Janeiro?... Ah! meu bello, meu querido Rio de Janeiro! todas vocês me lastimárão quando, ha cinco annos, e aos quinze de idade me virão casada com um velho de cincoenta; em breve, porém, meu marido foi eleito deputado, e tive de acompanhal-o á côrte : que brilhante destino! Ah! tu não sabes que vida passa uma augusta e dignissima! basta dizer-te que a mulher do deputado dança a walsa com os collegas do marido, a polka com os senadores, a schottisch com os ministros, e joga jogos de prendas com os conselheiros de Estado : que vida! que vida passei! mas ah! meu marido que era sempre ministerial, morreu de indigestão no terceiro anno da legislatura, e por consequencia suspenderão-me o subsidio, e fui obrigada a voltar para a provincia... mas... a que veio isto? Ah! sim : para provar a minha experiencia : pois bem : com ella adivinhei que vocês amavão-se; que minha tia antes quer o snr. Henrique para marido do que

para sobrinho; e que, portanto, os-atrapalha consideravelmente; visto que meu tio é escravo de sua irmã; porque espera ser seu herdeiro, e já está de posse da sua fortuna e do seu testamento.

HENRIQUE.

Sim, adivinhou, sabe tudo; cumpre agora que nos proteja, e que conseguindo desacreditar-me na opinião de sua tia...

FELICIA.

Eu já tenho um meio seguro e infallível para isso.

FAUSTINA.

Qual?

FELICIA, rindo-se.

O snr. Henrique e eu nos fingiremos loucamente apaixonados um pelo outro a vista de minha tia e...

FAUSTINA.

Olhe, prima; qualquer outra lembrança que você tiver, ha de ser por fôrça melhor do que essa.

FELICIA.

Eu logo vi que você não havia de gostar. Inventarei outro meio... confiem em mim : dou-lhes minha palavra que hei de hoje mesmo desenganar minha tia... Oh se hei de ! tenho antipathia ás velhas que atrapálhão as moças... contem comigo, e...

ANNA, dentro.

Meninas !...

FAUSTINA.

Fuja, snr. Henrique; ahí vem minha tia...

HENRIQUE.

Adeus!... (Partindo.) Oh! que maldita velha!... (Vai-se.)

FELICIA.

Vamos para dentro, enquanto ella não chega. (Vão-se.)

SCENA IV

CRESPIM, só; vestido de grande casaca vermelha, calça grandes botas, etc.

Ai! tenho andado como um cavallo de aluguel: não vou para diante nem que me serrem. (Pausa.) Ora... em consciencia eu sou um grandissimo tolo! Mamede Paiva Rodrigue era por todos conhecido como um algoz dos actores, e apesar disso caí em engajar-me com elle em uma companhia volante: sou tolo ou não?... Chegámos á uma villa; annuncia-se Ignez de Castro, e eu sugeito-me a fazer o papel de D. Affonso, quando me competia o de D. Pedro: sou tolo ou não?... Chega a noite do espectáculo, e vestem-me, como me acho... como um palhaço de cavalladas, e empurrão-me para a scena — havia povo na platéa como formiga! — e apenas abro a bocca, e digo com emphase: « Basta, principe, basta! » rebenta uma pateada composta de assobios, estalos, batatas e o diabo! No meu character de D. Affonso eu não podia aturar semelhante patifaria: corro para um lado;

e o Mamede com um pontapé atira-me outra vez na scena; mas escapando pelo outro, deixa Ignez de Castro sem poder morrer por falta de D. Affonso, e corro, ha dous dias, como um preto quilombola! então... franqueza... sou tolo ou não?..... (Pausa.) Mas é preciso que eu tome um partido... é indispensavel arranjar a vida... (Olhando.) Que monte de casas velhas será este?... Olhem onde está enforçado o sino da igreja... Oh lá!... um cartaz! haverá theatro aqui?... (Lê.) Ah! ah! ah! a gente d'esta terra é ainda mais tola do que eu! Mas oh! que idéa! se não ha aqui quem entenda o inglez, porque não me farei eu engenheiro da Grã Bretanha? Já tenho sido rei, bispo, ministro, lacaio e até urso, porque não serei godemi, quando me acho *in extremis*?... Ora viva! dê no que der, vou apresentar-me à heroica Junta... Oh! iesse, mim ficar uma engenheira muito godemi... Eia! coragem! sálhia o que sahir! (Canta.)

Bravo! bravo! finalmente,
 A fortuna me festeja,
 Mim agora star godemi,
 A pobre vida de actor
 Excommungada que seja;
 Mim agora star godemi,
 Vai faze torre d' igreja,
 E ha de come bifisteque,
 Bebe copa de cerveja.
 Vai faze torre d' igreja,
 E ha de come bifisteque,
 Bebe copa de cerveja.

Toca a procurar a illustrissima Junta... mas estas rou-

pas? Ah sim: serei um lord inglez... lord... lord... ora! lord Gimbo, porque é exactamente Gimbo o que eu quero... Vamos... (Vai-se.)

SCENA V

O SINEIRO apparece, vai dar no sino o signal do meio-dia e retira-se;
JOÃO FERNANDES, apressado; logo depois ANNA.

JOÃO FERNANDES.

O meu estomago já me havia annunciado a hora do meio dia, antes mesmo de soarem estas badaladas consoladoras! Sinh' Anninha! sinh' Anninha! dê-me um caldo depressa...

ANNA.

Que é lá isso? que gritos são estes?...

JOÃO FERNANDES.

É que eu estalo de fome, se me não dá um caldo depressa : deixei vaga a presidencia da Junta... e... dê-me um caldo, sinh' Anninha!

ANNA.

Pois você desamparou a presidencia da Junta assim sem mais nem menos?... Snr. João Fernandes, você é indigno da irmã que tem, e da honra que lhe fizêrão!

JOÃO FERNANDES.

Pois se eu estou estalando de fome, senhora! olhe : já

tenho uma dôr aqui no vazio... dê-me um caldo, sinhi' An-ninha!

ANNA.

Marche a occupar o seu pôsto, e não me envergonhe mais! (Vai-se.)

JOÃO FERNANDES.

E esta? sou capaz de abdicar a presidencia! Esta velha pensa que todas as presidencias matão a fome! Ah meus peccados! que eu não tenha remedio, senão aturar esta mulher visto que devo ser seu herdeiro... Oh! que fome! que fome de quinze dias! (Canta.)

Que dôr no vazio!
 Que fome! que fome!
 Já deu meio dia,
 E a gente não come!
 Eu stou que não posso,
 Que fome! que fome!

(Vai-se.)

SCENA VI

PASCOAL, só; vestido de nizia amarella.

Alferes Guilherme Lamego Furia, por alcunha o fura-tripas! Furia e fura-tripas!... nunca me ha de esquecer este nome. (Pausa.) Está decidido que eu nasci com a sinta de cachorro : entrei no mundo pela porta do theatro, sendo puçha-vistas, e um dia que pretendi elevar-me a

comparça, o publico recebeu-me com taes applausos de infantaria, que abandonei o theatro... vim dar comigo n'esta provincia, fiz-me capanga de um potentado, e capanga esperava acabar os meus dias; mas se eu já disse que tenho sina de cachorro! Ha tres dias houve uma eleição na freguezia: meu amo estava na opposição, e a cousa ia perder-se, porque em cada porta da igreja havia dous soldados de baioneta calada, já se sabe, para garantir a liberdade do voto, e não querião deixar entrar um magote de votantes de meu amo: mas eu levo os votantes comigo, chego a uma porta, atiro-me de improviso aos soldados, e tapa em um, pontapé em outro, dou com os votantes dentro; acode, porém, o alferes Furia, por alcuinha o fura-tripas, e não se ouve mais que — mata o Pascoal! e foge, Pascoal! — obedeci a este ultimo grito, furtei o cavallo de um votante; mas o sendeiro rebentou no caminho, e fez-me viajar a pé dous dias, e eis-me aqui com uma fome de timbaleiro e no estado mais poetico do mundo, isto é, sem vintem. Pois se eu tenho sina de cachorro! (Pausa.) Mas eu hei de achar por fôrça quem me dê de comer. (Chamando.) Oh lá! não ha gente n'esta alde... n'esta cidade? Porém, que é isto?... (Lê o edital.) Esta é de tirar o chapéo!... Este povo está pedindo de mãos postas que manguem com elle, e eu com a fome, que sinto, se soubesse um dedo do inglez... Mas para que, se aqui ninguem o-sabe?... Ora, eu vou fazer a torre, está dito: o que só me atrapalha é esta nizia amarella... e que tem a nizia?... Direi que além de engenheiro, sou tambem philosopho inglez... sou o miéster... mister, deve ser um

nome de arripiar os cabellos... mister... Protrocrotrofro-
blington... está direito... vou procurar a tal Junta de to-
los... (Canta.)

Eu sou sublimé engenheiro,
Mestre de torres preclaro ;
Faço palacios brincando,
E nos theatros sou raro ;
Quando risco um monumento,
Sempre é cousa de espavento.

Pyramides fiz já cincoenta ;
Obeliscos mais de cem ;
Aqueductos duzia e meia,
Arcos muito mais além ;
Que engenheiro! que talento !
Sou dos genios o portento !

(Vai-se.)

SCENA VII

ANNA, FAUSTINA e FELICIA.

ANNA.

Meninas, vamos tomar o fresco no jardim : a heroica
Junta parece que vai até a noite : nem ao menos apparece
o snr. Henrique para conversar com a gente : ai ! ai ! quem
ama, não tem socego.

FELICIA.

Minha tia, o snr. Henrique esteve aqui ainda ha pouco
conversando com Faustina.

FAUSTINA, a Felicia.

Prinã, você quer me deitar a per der?..

ANNA.

Devêras?... então foi só com Faustina que elle conver-
sou?...

FELICIA.

Ah! não : creio que foi comigo tambem.

ANNA.

Seguramente o pobre moço veio vêr se me encontrava:
ai! ai! meninas! quem ama, não tem socego : mas sôbre
que conversávão vocês?...

FELICIA.

Faustina, lem que foi que nos conversámos?... Anda :
responde a nossa tia.

FAUSTINA, á parte a Felicia.

Felicia... pelo amor de Deus!

FELICIA.

Eis outra vez o snr. Henrique... ainda bem : elle dirá
em que conversámos.

SCENA VIII

As PRECEDENTES e HENRIQUE

HENRIQUE.

Esta ninguem acredita! (Á parte.) Péor! esperava coiso
lar-me encontrando-me com a primavera e venho esbar-

rar-me com o inverno! (Às snras.) Boa tarde, minhas snras!

ANNA.

Então que aconteceu, snr. Henrique?... Chegue cá para perto e conte novidades á gente que lhe quer bem. (Á parte.) Ai! ai! quem ama não tem socego : já estou com o coração — taque-taque-tique-tique!!

HENRIQUE.

Que ha de ser?... acaba de apresentar-se á tal heroica Junta um tratante que diz ser engenheiro inglez, e que é tão engenheiro como as minhas botas, e falla o inglez tão bem como o meu cavallo : entretanto, o charlatão foi levado em triumpho á jantar no hotel do Bonifacio; que gente! que loucura!

ANNA.

Snr. Henrique, não fallemos agora em negocios politicos.

FELICIA.

E tanto mais que minha tia quer saber sôbre que esteve o snr. conversando com Faustina inda ha pouco.

HENRIQUE, rindo-se.

Fallavâmos dos nossos primeiros annos e nos embebiavamos loucamente nas recordações do passado. Não foi isso?...

ANNA.

Havia de ser; porque é a nossa balda : quando eu e Faustina estamos sós, levamos horas esquecidas a con-

versar sôbre os felizes tempos da nossa infancia. Isto faz tantas saudades !

FAUSTINA, a Felicia.

Ora esta ! minha tia nunca conversou comigo em semelhante cõusa !

FELICIA, a Faustina.

Cala a bocca, tola !

HENRIQUE.

É muito natural : as snras. devião ter brincado juntas bastantes vezes em pequeninas...

ANNA.

Ai, snr. Henrique ! não zombe de quem lhe quẽr bem ! eu confesso que sou dez annos mais velha do que Faustina...

FAUSTINA, querendo fallar.

Dez annos...

FELICIA, a Faustina.

Cala essa bocca, tola !

ANNA.

Não fallêmos em idades : eu sinto que a minha mocidade não pôde durar muitos annos mais... Sou uma flôr que suspira por ser colhida com medo de murchar no pé... Ai ! ai ! quem ama, não tem socego ! mas, snr. Henrique, eu andava douda por encontral-o sem testemunhas masculinas para lhe dizer uma cousa que trago ha quinze dias no coração, e ha tres na garganta.

HENRIQUE.

Estou ás suas ordens, minha senhora. (Á parte.) Já se viu uma sanguessuga como esta maldita velha!...

ANNA, olhando para' uma rosa.

Não posso conter-me.. que linda rosa! dizem que a moça que offerece uma rosa, é como se offerecesse o seu coração... Ai! ai! quem ama, não tem socego! (Tira a rosa e offerece-a a Henrique.) Faça de conta que esta rosa sou eu.

FAUSTINA, á parte.

Deus permitta que aquella rosa se transforme em cravo de defunto.

FELICIA, á parte.

Se minha tia não fôsse tão velha, eu já devia estar envergonhada do papel que estou aqui representando!

HENRIQUE, recebendo a rosa.

Agradecido! (Á parte.) Esta mulher é uma praga! (A Anna.) Mas disse que desejava confiar-me...

FAUSTINA, á parte.

Péor! o snr. Henrique parece que está receioso, de que minha tia se engasgue com o que traz ha três dias na garganta!

ANNA.

Não sei, como lh'o-diga! Ai!... ai!... quem ama, não tem socego! mas ainda bem que os segredos do coração se lêem nos olhos, e o snr. póde, sem que eu falle, adivinhar o meu segredo.

HENRIQUE.

Ah! minha senhora! sou de uma estupidez incrível em
materia de segredos de coração...

FAUSTINA, á parte.

Anda! bem feito.

ANNA.

Ingrato! escute pois a explicação de meu segredo.
(Cântão.)

ANNA.

O segredo que eu tenho no seio
Póde crer que é de muito valor;
Tem um nome que em — *a* — principia,
E acaba em — *o - r - or*.

FAUSTINA.

Não perceba o que diz minha tia;
Seja rude esta vez por favôr;
Não decifre a charada da velha:
Não me mate, dizendo-lhe — *amôr*.

HENRIQUE.

Quando a velha me pede ternuras
Vejo a moça abrazada em furôr;
Quero rir-me da teima da velha:
Mas receio os ciumes de amôr.

FELICIA.

Que terrivel mania de velha!
Isto é mais que mania, é furôr;
Todo rugas, velhinho, caduco,
Ha de ser engraçado este amôr!

ANNA, depois de um grande suspiro.

Ai! ai! quem ama, não tem socego!

SCENA IX

Os PRECEDENTES e GERMANO.

GERMANO.

Henrique! Henrique! estás perdendo o melhor da festa.

HENRIQUE.

Que ha?...

GERMANO.

Um novo concorrente que se apresentou...

HENRIQUE.

Inglez?...

GERMANO.

Creio que tão inglez como o primeiro : apenas foi este para o hotel, chega o segundo, e, o que é melhor, divide-se a Junta em dous partidos : o Manoel Gonçalves com a sua gente sustenta o charlatão de casaca vermelha, e o Atanasio com os inspectores de quartirão e a sucia concumitante defendem a causa do segundo tratante, que veio vestido de nizia amarella. Vermelho, e amarello são os nomes dos dous partidos, que por signal estão á ponto de dilacerar-se!

HENRIQUE.

E os dous charlatães?...

GERMANO.

Ainda não se encontrarão : oh ! temo touros de palanque !

* HENRIQUE.

Mas como já têm partidos esses homens?... já se pôde julgar qual d'elles é o de mais merecimento?...

GERMANO.

Ora que puerilidade!... quando os partidos não têm idéas, e só se agitação pela ambição e pelos ciumes dos potentados, bástão para suas divisas e bandeiras uma casaca vermelha e uma nizia amarella, e dous charlatães vestindo-as.

HENRIQUE.

Mas isto é uma vergonha para o nosso pobre curato !

GERMANO.

Qual!... deixa-te disso : o nosso pobre curato é, em ponto pequeno, a imagem de uma grande cidade, cujo nome não quero dizer : as casacas vermelhas, e nizas amarellas abundão por toda a parte.

ANNA.

Eu não entendi uma só palavra do que disse este procurador : ai ! ai ! quem ama, não tem socego !

VOZE, dentro.

Viva ! viva !...

GERMANO.

Eil-os ahí! excellente! excellente! ah! ah! ah!...

FAUSTINA.

Meu Deus, eu tenho medo de tantos homens juntos!...

ANNA.

Vamos para dentro, meninas : adeus, snr. Henrique...
ai! ai! quem ama, não tem socego! (As snrás. entrão.)

SCENA X

ANNA, FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS ás janellas e portas; HENRIQUE e GERMANO no meio da scena; JOÃO FERNANDES, que fica ainda no meio; BONIFACIO, que anda de um para outro lado; MANOEL GONÇALVES, DINIZ e o seu grupo a um lado com CRESPIM no centro; ATANASIO, BAPTISTA e o seu grupo do outro lado com PASCOAL no centro. — Entusiasmo geral. Crespim e Pascoal são abraçados e quasi carregados.

DINIZ, na frente dos seus.

Viva o godemi da casaca vermelha!

MANOEL GONÇALVES os seus.

Viva! viva!...

BAPTISTA, na frente dos seus.

Viva o godemi da nizia amarella!...

ATANASIO e os seus.

Viva!... viva!... (João Fernandes victoria todos.)

CRESPIM, á parte.

Não ha nada n'este mundo como a opinião publica!...

PASCOAL, á parte.

Estou sendo pela primeira vez na minha vida objecto do enthusiasmo popular! olhem que ha muito povo tolo!...

JOÃO FERNANDES.

Atenção!... gritem baixo!... (Á parte.) Estou com uma fome!...

PASCOAL, á parte.

O péor é que está ahí outro inglez... estou vendo que isto acaba em viva de páo... pois se eu tenho sina de cachorro!...

JOÃO FERNANDES.

Snr. Bonifacio, veja se esta gente me deixa fallar que eu já não posso mais! (Bonifacio trata de aquietar os grupos.)

CRESPIM, á parte.

Dizem que tenho um inglez pela prôa; mas ninguem aqui o-entende, e eu vou asseverar que o inglez não é inglez e eu sim.

JOÃO FERNANDES.

Então posso fallar ou não, povo de uma figa?... (Serena o susurro.) Em nome da heroica Junta eu capitão João Fernandes declaro... declaro... (Correndo a Bonifacio.) Snr. es-
crivão, snr. Bonifacio, que diabo hei de declarar que já me não lembra?...

BONIFACIO, a João Fernandes.

Declare simplesmente que estão ahí dous engenheiros

inglezes, e ponha-se nas encolhas, porque vossa senhoria não vai adiante com o discurso.

JOÃO FERNANDES, a Bonifacio.

Fique sempre aqui ao pé de mim para me acudir, se eu errar. (Ao povo.) Declaro... simplesmente... que estão ali dous engenheiros inglezes, e ponha-se nas encolhas, porque vossa senhoria...

BONIFACIO, João Fernandes.

Basta, homem, que é de mais!..

JOÃO FERNANDES.

Eu nunca fui presidente na minha vida... estou muito vexado.. muito vexado... e com uma fome!...

DINIZ.

Proponho que os dous inglezes conversem um com o outro!

VOZES.

Apoiado! apoiado! (afastão-se os grupos deixando os dous em frente.)

CRISPIM, á parte.

Agora aqui é que vai a gata aos filhozes!...

PASCOAL, á parte.

Aperta-te, Pascoal! pois se eu tenho sina de cachorro!...

CRISPIM, á parte.

Aquelle que está ali feito godemi é o Pascoal puxavistas!!!

PASCOAL, á parte.

Aquelle inglez é o Crespim!!!

JOÃO FERNANDES.

Andem, obedição ao povo!

CRSPIM, á parte.

Agora sou eu gente. (A Pascoal.) Ui god bai come esse?...

PASCOAL, á parte.

Bravo! estou salvo. (A Crespim.) Estring uors ui grande jai!

HENRIQUE, rindo-se muito.

Snres., estes homens não são inglezes : são dous tra-
antes : eu fallo o inglez e juro que elles o-entendem tanto
como o snr. capitão João Fernandes!

MANOEL GONÇALVES.

O snr. é um homem suspeito, e está furioso de inveja :
estes dous sabios engenheiros fallão tão perfeitamente o
inglez, que nós ainda não lhe entendemos palavra!

VOZES.

Apoiado! apoiado!

CRSPIM.

Oh! iess; mim star inglis!

ATANASIO.

Fóra o invejoso!...

VOZES.

Fóra! fóra! (Germano toma o braço de Henrique, e ambos se afastão
ndo.)

CRESPIM, a Pascoal.

Fates misburi iesse, etc. (Falla imitando o inglez.)

VOZES.

Bravo!... bravo!...

PASCOAL, a Crespim.

Oh! fiu plise, etc. (Falla imitando o inglez.)

VOZES.

Bravissimo!... viva!...

respim e Pascoal exaltão-se fallando fingir-se inglezes, e acabão gritando e fallão ao mesmo tempo até suffocar-se e no meio das acclamações do povo.)

VOZES.

Viva! viva! (Uns abração Crespim, outros a Pascoal.)

JOÃO FERNANDES.

Oh! que torre! que torre, minha gente! estou quasi doudo de alegria! até já me passou a fome. (A Crespim.)
Como é a graça de V. Ex.?...

CRESPIM.

Lord Gimbo: mim star fidalga n'Inglaterra.

JOÃO FERNANDES.

Fidalgo!... logo se conhece pela cara... tem mesmo cara de fidalgo! (A Pascoal.) E V. Ex., como se chama?...

PASCOAL, á parte.

Diabo! engoli o nome que tinha inventado! mas lá vai outro. (A João Fernandes.) Matracoat: mim star philosopha e engenheira extraordinaria...

JOÃO FERNANDES.

Snr. lord Gimbo, o snr. também é capaz de concertar
n alambique de engehoca?...

CRESPIM.

Oh! iesse, mim saber faz lambique de engehoque ver-
tel.

JOÃO FERNANDES.

Um alambique verruel!... ha de ser invenção nova.

DINIZ, e os seus.

Viva o godemi da casaca vermelha! viva!...

MANOEL GONÇALVES.

Oh! triumpho por fim d'aquelle indigno Atanasio!

ATANASIO, a Pascoal.

Snr. Ma... Matro... Macota...

PASCOAL.

Oh! mim non star Macota, star de nome mister Matra-
coat...

ATANASIO.

Pois bem, snr. mestre Macatrapoá, diga-nos as suas ha-
lidades, não se deixe ficar por baixo...

CRESPIM.

Oh! mister Matracoat sêr uma grande estúpida!

PASCOAL.

Mim sêr engenheira de torre grande, e philosopha
uperior: mim falle todes linguos, e sabe todes coses

d'este mundo; mim saber tude... tude... mim conheça quem não tenha juiza... e saber onde estar juiza de cada uma...

JOÃO FERNANDES.

Que pôço de sciencia! pois, o juizo não está sempre na cabeça, monsiú?...

PASCOAL.

Non! este sêr uma idée estúpida.

CRESPIM.

Oh! mister Matracoat estar muito cavallo!

ATANASIO.

Que sabedoria! snr. Catapoá, diga, onde está o juizo do snr. capitão João Fernandes?...

JOÃO FERNANDES, sorvendo uma pitada.

É verdade... diga... diga...

PASCOAL.

Capitam tem sua juiza no nariz. (Risadas.)

JOÃO FERNANDES.

E tem razão! eu sempre digo a sinh'Anninha que o meu nariz é uma cousa muito preciosa.

BAPTISTA.

E eu? e eu?... quero saber, onde está o meu juizo; faça favor! ..

PASCOAL.

Tu, homem?...

BAPTISTA.

Tu?... veja, como falla! saiba que eu sou eleitor e tenhente da guarda nacional, e portanto tenho senhoria.

PASCOAL.

Oh! tu não tem juiza em parte nenhuma, homem!

BAPTISTA.

Insolente! não respeita um dos chefes do seu partido! Dis, passo-me para o partido vermelho! (Vai para o outro lado.)

ATANASIO.

Compadre! olhe que isso é não ter princípios políticos!...

BAPTISTA.

Faço o que muitos têm feito, e é assim que se arranja vida: estou passado! (Manoel Gonçalves e os seus abraço-o.)

DINIZ.

Sim?... pois, eu não fico em um partido, que abre os braços a semelhante malvado! (Passa para o outro grupo.) De-aro que mudei de côr, estou amarello!... (Atanasio e os seus abraço-o.)

BAPTISTA.

Viva o godemi da casaca vermelha!... (Applausos dos seus.)

DINIZ.

Viva o godemi da nizia amarella!... (Applausos dos seus.)

MANOEL GONÇALVES.

Ninguém aqui pôde ficar neutro .. snr. capitão João Fernandes...

JOÃO FERNANDES.

Eu sou do partido que ficar de cima, que assim é que faz muita gente do meu conhecimento...

MANOEL GONÇALVES:

Nada... ou um ou outro... vamos... quem viva?...

JOÃO FERNANDES.

Viva a casaca vernella!... (Applausos de uns.)

ATANASIO.

Snr. capitão! olhe que eu sou o subdelegado!... sustente a nizia amarella...

JOÃO FERNANDES, á parte.

Estes malvados hoje me affogão! (A Pascoal.) O snr. tambem sabe concertar um alambique de engenhoca?...

PASCOAL.

Oh! iesse! mim concerta lambique...

JOÃO FERNANDES.

Viva a nizia amarella!... (Applausos dos outros.)

BAPTISTA.

O snr. não sabe o que diz?... (Puxando-o.)

JOÃO FERNANDES.

Viva o godeni da casaca vermelha!...

DINIZ, puxando-o.

Snr. capitão, tenha palavra!...

JOÃO FERNANDES.

Viva o godemi da nizia amarella!... (Baptista puxa-o.) Casaca vermelha!... (Diniz puxa-o.) Nizia amarella!... (Baptista puxa-o.) Casaca!... (Diniz puxa-o.) nizia!...

ANNA, da janella.

Não rasguem a casaca do mano Joãozinho.

JOÃO FERNANDES.

Acuda-me, sinh'Anninha, senão estes homens me matão!

CANTO GERAL.

ATANASIO e os seus.

Viva e reviva o godemi
Que traz a nizia amarella!

PASCOAL.

Oh! iesse! mim quer viva,
P'ra faz torre muito bella.

MANOEL GONÇALVES e os seus.

Viva e reviva o godemi,
Que traz casaca vermelha!..

CRESPIM.

Oh! iesse! mim quer viva,
P'ra faz torre sem parelha.

BAPTISTA, puxando João Fernandes.

Quem viva?...

JOÃO FERNANDES.

Vermelho?

(Diniz puxa-o.)

DINIZ.

Quem viva?

JOÃO FERNANDES.

Amarello!

(Baptista puxa-o.)

Me deixem!...

(Paptista puxa-o.)

DINIZ e os seus.

Que gostos!...

(Diniz puxa-o.)

JOÃO FERNANDES.

Me larguem!...

(Baptista puxa-o.)

BAPTISTA.

Que bello!...

TODOS.

Bravo! bravo! nós teremos
Uma torre de Babel!

GRESPIM e PASCOAL.

Oh! iesse! iesse! iesse!

Oh! iesse! verruel!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

A mesma decoração do acto primeiro.

SCENA PRIMEIRA

FELICIA, só.

Estou á braços com a mais difficil empreza : vou entrar em lucta com minha tia para fazer triumphar os direitos que tem a prima Faustina sôbre o coração do snr. Henrique. Arrancar um noivo á uma velha é mil vezes mais difficiloso do que separar um naufrago da última táboa do navio despedaçado, a que se agarrou com esperança de salvamento ; mas eu hei de mostrar que já fui parlamentar, e creio que o verdadeiro é cortar logo a discussão, decidindo de uma vez o negocio. Por mais que eu firme e jure, minha tia não admittirá nunca que o snr. Henrique possa deixar de morrer de amores por ella :

pois, então ponha-se a questão tão as claras, que a evidencia penetre no espirito da velha, como um raio do sol no ninho de uma coruja. A tempestade é certa, mas tambem o golpe é decisivo. Vamos a isto e já. (Indo á porta.)
Minha tia! oh! minha tia!

SCENA II

FELICIA e ANNA.

FELICIA, á parte.

Realmente minha tia tem uma cara mais propria para desmamar crianças, do que para arranjar marido.

ANNA.

Que queres, menina?... ai! ai! quem ama, não tem socego: pensei que era o snr. Henrique que estava procurando por mim.

FELICIA, á parte.

É teimosa como um velho gallo da India; mas eu vou dar-lhe um desengano certo.

ANNA.

Chamaste-me com um ar de mysterio, que me pareceu que se tratava de algum segredo de amor: que temos?...

FELICIA.

Ai! ai! minha tia, quem ama, não tem socego!

ANNA.

Oh! será possível que estejas como eu atacada do mal das ternuras?... Olha, menina; toma cuidado : a paixão, quando se desenvolve cá pelo interior da gente, é como uma febre sem remissão : digo-t'ó eu que estou apaixonada até a ponta dos cabellos.

FELICIA.

Ah! não, minha tia, não é por mim, que me sinto afflicta... A quem eu lastimo... é... olhe, não é a mim... tambem não lhe direi a quem seja. . mas é a uma de nós duas...

ANNA.

Então sou eu, tola! Ai! ai! quem ama, não tem socego! dize depressa, que estou com o coração quasi sahe não sahe pela garganta fóra; porque me lastimas tu?

FELICIA.

Pois bem... eu fallo... sinto bastante dar-lhe um desgosto; mas não consentirei que minha tia, sendo uma snra. cheia de encantos e graças, esteja empregando tão mal o seu amor. O snr. Henrique é um pérfido... um monstro...

ANNA.

Que é lá isso?... veja como falla, ouviu! a senhora minha sobrinha trouxe da côrte uma ponta de lingua, que faça-me favor!...

FELICIA.

Ainda emciina vossa mercê toma a defeza d'aquelle ingrato... fementido... traidor...

ANNA.

Oh! snra.! quer ouvir uma cousa?... Tenha mais respeito ao seu futuro tio : lembre-se que é um homem, a quem ha de tomar a benção !

FELICIA.

Meu futuro tio ! coitada da titia ! um homem que zomba de vossa mercê, que a-illude, e que na sua ausencia se diverte ridiculisando o seu amor!...

ANNA.

Já se viu que lingua de serpente enfezada ! entendo... entendo, minha snra.; fez suas fosquinhas ao meu Henrique, e como levou de tâboa, vem agora fazer intrigas ; não pega a labia ! Ninguem é capaz de tirar-me da cabeça a certeza de que sou amada. (Á parte e abanando-se com des-
pero.) Que mulhersinha do diabo !...

FELICIA.

Minha tia, eu posso dar-lhe provas do que digo, provas evidentes... irrecusaveis...

ANNA, batendo com o pé.

Não quero saber de provas ! Sou amada e muito amada. E que taes?... querem roubar-me o meu Henriquesinho; pois, não has de ser tu quem tal consiga; porque apezar de teres vindo da côrte como uma macaquinha enfeitada, és uma feiarrona de fazer arripiar os cabellos!...

FELICIA, á parte.

Feia! espera velha teimosa que tu me pagas. (A Anna.)

Minha tia póde dizer o que quizer; mas a verdade é que o snr. Henrique bebe os ares pela prima Faustina, e até lhe prometteu casamento : por signal que ambos me pedirão para proteger os seus amores.

ANNA.

É falso, bocca venenosa! vocês todas estão rebentando de inveja; porque o meu Henrique não ama, senão a mim...

FELICIA.

Pois experimente, minha tia.

ANNA.

Experimentar o que, tentação do demonio?...

FELICIA.

Esconda-se aqui perto : eu chamo Faustina, o snr. Henrique apparecerá bem depressa e eu lhe asseguro que ha de ouvir bocadinhos de ouro.

ANNA.

Já disse que não quero saber de provas nem de experiencias ! sou amada, e está dito. Ai ! ai ! quem ama, não tem socego.

FELICIA.

Ah ! isso então é outro caso... minha tia tem medo de ouvir com os seus ouvidos, e de vêr com os seus olhos...

ANNA.

Medo!... pois se eu tenho a certeza da minha felicidade!

FELICIA.

Se minha tia é capaz, experimente : em dez minutos ficará terrivelmente desenganada.

ANNA.

Sim?... pois estou prompta; mas ha de ser com a condição de eu te puxar as orelhas, se me não convenceres do que dizes.

FELICIA.

Concordo : esconda-se atraz d'estes arbustos e verá. (Á parte.) Até que enfim! custou, mas sempre caiu. (Cântão.)

FELICIA.

A titia anda enganada; — coitada!
 Da traição não te ree o damno; — engano!
 Ja não ha homem constante; — amante!
 Quem diz homem, diz tyranno — insano.

ANNA.

Este amor envão trabalhes, — e malhes!
 Do meu peito não se esvae; — não sahe!
 Já... depressa, má sobrinha, — damninha
 Para a côrte volta, vae. — ai! ai!

FELICIA.

Amor é temoso, — manhoso
 Na lucta se atira, — conspira;
 E por fim ovante — tratante
 Felicias inspira — é mentira.

ANNA.

Amor é teimoso, — formoso
Na lucta se atira, — delira,
E por fim ovante — brilhante
Delicias inspira — e respira.

ANNA, escondendo-se atraz dos arbustos.

Ai! ai! menina; quem ama, não tem socego.

FELICIA, vendo Anna escondida.

Bem : o essencial está feito; agora o que resta é facil,
e correrá naturalmente como a água do rio. (Vai á porta.)
Não se perca tempo : oh prima Faustina! prima!

SCENA III

FELICIA, ANNA escondida, FAUSTINA.

FAUSTINA.

Onde está nossa tia?...

FELICIA.

Foi visitar a vesinha; e tu em vez de aproveitar o tempo
para conversar com o snr. Henrique, te deixas ficar met-
tida lá dentro, como uma freira! Está-se vendo que ainda
não sabes o que é amor.

FAUSTINA.

Oh se sei! o amor não se aprende, ou é sómente a na-

tureza que o-ensina, e por isso aqui na roça sente-se mais profundo e realmente o amor do que lá pela sua côrte. Mas eu pensava que ainda estavas com a nossa tia. Em que te fallou ella?...

FELICIA.

Ora... em que havia de ser? Fallou-me no seu Henrique.

FAUSTINA.

No seu Henrique!... no seu!... Ah! que se ella não fôsse minha tia, eu havia de lhe dizer que não se adiantasse tanto.

ANNA, á parte.

Olhem o que ella está dizendo!

FELICIA.

Entretanto, Faustina, pelo que lhe ouvi dizer, o snr. Henrique a-ama apaixonadamente e receio...

FAUSTINA.

E eu não receio nada : olha; é a unica mulher que não me causa ciumes : quem é que teria um gosto bastante estragado para se apaixonar por minha tia?...

FELICIA, á parte.

Excellent! excellente!...

ANNA, á parte.

Oh! que atrevida!... e quem falla?... uma mulher que tem uma carinha de dôr de barriga!... deixem estar que eu a-ensinarei.

FELICIA.

Faustina, é preciso aproveitar a occasião : não tens algum signal para chamar o snr. Henrique.

FAUSTINA.

A unica cousa que posso fazer, é cantar para vêr se elle me ouve.

FELICIA.

Pois anda, canta.

ANNA, á parte.

Não tem vergonha de cantar com aquella voz de taboca rachada.

FAUSTINA.

Olha, Felicia; eu sinto grande vexame de fazer estas cousas; mas tu tens uns modos que obrigão a gente...

FELICIA.

Sim... já sei... orém, canta... anda. (Faustina canta.)

FAUSTINA.

Favonio da minha rosa,
Da minha rosa mais bella,
Se és fiel no teu amôr,
Vence da sorte o rigôr,
Que assim longe te detem.
De saudade murcha a rosa,
Ah favonio, corre, vem!
O favonio é puro amôr;
Mas ai que murcha de dór
Pelas saudades que tem.

Favonio, se amas a rosa,
Ah! depressa, corre! vem!

SCENA IV

AS PRECEDENTES e HENRIQUE.

FELICIA.

Lá vem o favonio; oh! que magia tem o perfume d'esta rosa!

ANNA, á parte.

Já me doem as cadeiras de estar tanto tempo curvada.
Ai! ai! quem ama, não tem socego!...

HENRIQUE.

Faustina! minha bella Faustina! eis-me aqui a teus pés!

ANNA, á parte.

Ai zelos!... estou com uma fogueira no coração!...

FELICIA.

Conversem, conversem, enquanto não chega minha tia. (A Anna.) Então, minha tia, está ouvindo?...

ANNA, á parte.

Já escapei de desmaiar de raiva sette vezes.

FAUSTINA.

Snr. Henrique, confesso que estava agora anciosa por

vel-o apparecer para acabar de todo com as minhas dúvidas...

HENRIQUE.

De que dúvidas quer fallar?... que ha?... (Á parte.) Querem ver que temos novo accesso de ciumes!... Estou-me convencendo de que o ciume é molestia chronica na minha noiva.

FAUSTINA.

A prima Felicia esteve ainda ha pouco conversando com minha tia e ouviu-lhe cousas taes a seu respeito, que foi obrigada a reconhecer que o snr. anda zombando de mim, e que me sacrifica a...

HENRIQUE.

Faça ponto ahí, D. Faustina; você cada vez se mostra mais injusta comigo: você... eu não sei... isto quasi que faz rir!... Pois devéras chegou um instante só a admittir a possibilidade de que eu amasse sua tia?... Ora esta!...

FAUSTINA.

Sim senhor... sim senhor... um homem é capaz de tudo; é capaz até de apaixonar-se por uma estaca enfeitada com um vestido e uma touca.

ANNA, á parte.

Então!... estou já como uma cobra! Eu caio em cima d'aquella maitaca, e pelo menos arranco-lhe o nariz.

HENRIQUE.

Ao pé de ti, minha bella Faustina, poderia eu ter olhos para vêr uma mulher... velha...

ANNA, á parte.

Ah! malvado!

HENRIQUE.

Desageitada...

ANNA, á parte.

Oh perverso!...

HENRIQUE.

Feia...

ANNA, á parte.

Ladrão e assassino! ..

HENRIQUE.

Uma mulher a quem eu respeito sómente por ser sua tia!...

FELICIA, a Anna.

Então, minha tia, que diz a isto?...

ANNA, a Felicia.

Estou como uma bomba : espera que estouro já.

FELICIA, recuando.

E eu de longe.

FAUSTINA.

Pois bem; estou decidida: não posso mais viver assim no meio d'estas dúvidas que me desesperão : exijo absolutamente que o senhor desengane a minha tia, e que lhe diga em face que não a-ama, que a-despreza, que...

HENRIQUE.

Prometto, juro que lh' o-direi hoje mesmo.

ANNA, apparecendo.

Pois diga já... diga... miseravel, homem indigno!...

FAUSTINA, recuando aterrada.

Oh!... meu Deus!...

FELICIA, correndo a ella.

Sio! sio! nada de desmaios por ora : ainda não é occasião.

FAUSTINA, a Felicia.

Deixa-me; tu me atraíçoaste.

ANNA, em furor.

Falle, diga, meu snr. ! faça a vontade, obedeça ás ordens da sua Dulcinea del Toboso : ande; insulte-me! diga, que me aborrece, que me atraíço a por causa d'este milagre-sinho de cêra... d'esta hypocrita... souza dos sette tornosellos...

HENRIQUE.

Minha senhora, pois que tudo ouviu, poupou-me ao menos o desgosto de lhe dizer uma verdade que a-contraria. Nunca dei á senhora o menor signal de amor, e nem poderia dal-o, porque amo ardentemente sua sobrinha, aspiro á gloria de chamal-a minha esposa, e por isso mesmo revolta-me vêr a injustiça com que ella, a mais formosa das creaturas, acaba de ser tratada.

ANNA, com violencia crescente.

E ainda emcima quer tomar-me contas?. Quem é o

snr. na ordem das cousas senão uma cousa nenhuma?... Culpa tive eu de esquecer-me da minha nobre prosapia e de abaixar os olhos sôbre um triste bixinho da terra! bixinho?... um bixão venenoso! uma serpente... um scelerato que destruiu a paz da minha vida (enternecendo-se), e que me abandona agora sem piedade deixando-me transformados o coração em fornalha de fogo, a alma em fonte de suspiros, e os olhos em dous rios de lagrimas... (Pausa, e depois avança, e brada.) Mas pelo menos não serei a unica desgraçada. (A Faustina.) Oh! sim! eu te mostrarei, namoradeira de uma figa! eu me vingarei do traidor, fazendo a tua infelicidade, sim!... e que seja immediatamente... (Gritando.) Mano Joãosinho!..... mano Joãosinho!..... mano Joãozinho!...

FELICIA.

Minha tia, socegue; não se lembra de que o tio está presidindo á Junta e occupado com o concurso da torre?...

ANNA.

Ah! é verdade; mas eu me vingarei: juro, rejuro e torno a jurar. (Canta.)

ANNA.

O ciume que abraza meu peito
Prorompendo feroz se verá;
Foi a injuria terrivel, tremenda,
A vingança tremenda será!

FAUSTINA e HENRIQUE.

Contra nós vingativo o ciume
Vai lançar-se com raiva e furôr;

Mas o santo poder da virtude
Nos garante a victoria de amôr.

FELICIA.

Uma velha em furor abrazada
É capaz de um guerreiro aterrar,
Minha tia enfezada, raivosa,
É péor do que um urso a bramar.

FAUSTINA e HENRIQUE.

Contra nós vingativo o ciume
Vai lançar-se com raiva e furôr.

ANNA e FELICIA.

Contra vós vingativo o ciume
Vai lançar-se com raiva e furôr.

FAUSTINA, HENRIQUE e FELICIA.

Mas o santo poder da virtude...

ANNA.

A paixão que m' inflamma terrivel

FAUSTINA e HENRIQUE.

Nos garante a victoria de amôr

FELICIA.

Vos garante a victoria de amôr.

ANNA.

Me garante a vingança de amôr.

FELICIA e ANNA.

As suas ordens, meu snr.! para dentro, minhas senhoras! (Seguindo-as.) Ai! ai! quem ama, não tem socego.

HENRIQUE.

Ora pois! vai o meu amor de mal a péor!... (Vão-se.)

SCENA V

JOÃO FERNANDES, só.

Se eu poudesse arranjar uma chicarasinha de café para me confortar o estomago! estou com medo de que sinh'Anninha me leve tambem isto a mal : é uma senhora que me traz por teas de aranha! Mas emfim, vale a pena soffrer estes incommodos da barriga, quando se está em vesperas de possuir uma torre como não ha duas no mundo : ah! tomara eu cá a alleluia do anno que vem! que gôsto não será no momento em que repicarem os sinos roimpendo a alleluia! (Canta.)

Oh que gôstos roimpendo a alleluia
O foguete estoirando no ar,
Os moleques no Judas batendo,
E o sineiro na torre á tocar :
Din golin, din golin, din golin din!
Oh que gôstos! que gôstos p'ra mim!

Aqui bombas, fazendo bum! bum!
Lá pombinhos voando no ar!

Os meninos atraz dos foguetes,
E o sineiro na torre a tocar;
Din golin, din golin, din golin din!
Oh que gôstos! que gôstos p'ra mim!

SCENA VI

JOÃO FERNANDES, ANNA e logo FELICIA.

ANNA.

Este homem ha de ser toda a vida a minha vergonha!...

JOÃO FERNANDES, á parte.

Foi-se a minha chicara de café! (A Anna.) Sinh'Anninha, não diga isso a um homem que é presidente da heroica Junta!

ANNA.

O que digo, snr. capitão, é que venho fazer-lhe as minhas despedidas.

JOÃO FERNANDES.

Despedidas! que quer dizer com isso?... (Á parte.) Eis á maldita velha com as ameaças do costume!

FELICIA, apparecendo á janella.

Eu hei de por força ouvir a conversa de meus tios : deço n'um pulo : ali anda negocio da prima. (Desce, e vem deitar de vez em quando a cabeça fóra da porta, como observando.)

ANNA.

Está decidido : não posso viver mais na sua casa : ponha-me para aqui, o que é meu ; entregue-me o meu testamento, e seja feliz, e divirta-se...

JOÃO FERNANDES.

Irmãzinha do coração, você quer atirar-me n'um precipício!... olhe que eu sou capaz de degollar-me!

ANNA.

Nada : não posso soffrer por mais tempo a joia de sua filha : cada vez põe as manguinhas mais de fóra, e amanhã pôde-lhe vir a cabeça dar-me com um pão de vasoura. Quero o meu dinheiro, e o meu testamento.

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha, diga-me em que foi que lhe faltou ao respeito devido aquella doudinha, e verá como a-hei de fazer chegar á razão...

ANNA.

Fico-lhe muito agradecida : pão que nasce torto, tarde ou nunca se endireita : o snr. deitou a perder sua filha, passando-lhe a mão pela cabeça : agora não tem mais emenda : é uma enfezadinha, que ainda está cheirando aos coeiros, e já anda ás voltas com namoricos !

JOÃO FERNANDES.

Namoricos! está o nome de João Fernandes pela rua da amargura! Sinh'Anninha, não me desampare na desgraça : conte-me o que fez o diabo da rapariga.

ANNA.

Apanhei-a toda derretida em conversa ferrada com o naganão do snr. Henrique; e onde?... onde?...

JOÃO FERNANDES.

Rebento de vergonha! foi no portão do quintal!

ANNA.

Pêor do que isso, foi na porta da rua, e a vista de todos os que passam! Oh! estou fóra de mim! não fico n'esta casa nem mais um dia: venha o meu dinheiro, e o meu testamento!

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha, não me abandone, por quem é, n'um caso d'estes; veja antes o que devemos fazer: decida, castigue, ponha de baixo de chave, corte os cabellos d'aquella rapariga desmiolada; mas não me deixe, snra.! não me deite a perder!... (Á parte.) Se a bruxa me arranca o dinheiro e o testamento! eu estouro.

ANNA.

Já estou cansada de me sacrificar pelos outros; lembre-me, porém, a nossa nobre prosapia, e tratarei de vêr se posso ficar; mas ha de ser com a condição de obrigar sua boa filha a casar-se quanto antes.

JOÃO FERNANDES.

Com o tal tratante do Henrique, não é?... pois sim: vá feito.

ANNA.

Oh! velho maluco e desastrado! pois tem animo de se lembrar de semelhante immoralidade?...

JOÃO FERNANDES.

E esta! eu pensei que era do tal sujeito que fallava; mas se não é elle, e não podemos ser nem você nem eu; diga lá, quem ha de ser o noivo, escolha... ainda que seja um idiota, aceito, se dispensar o dote.

ANNA.

Quero que Faustina case com um dos dous engenheiros inglezes que ahi estão.

JOÃO FERNANDES.

Com o engenheiro que fizer a tórre?... bravo! a dúvida está em que elle aceite a noiva; porque um é lord inglez, e o outro philosopho; mas veremos... veremos... Oh! se eu fico com uma filha godemi, e com um genro, que saiba concertar alambiques de engenhoca, dou pulos de contente! Sinh'Anninha, você tem dez vezes mais juizo do que eu.

ANNA.

Ora que novidade! pois se você sempre foi um dous de páos!

JOÃO FERNANDES.

Então estamos decididos : a asneira de se ir embora, passou.

ANNA.

Com tanto que se arranje quanto antes o casamento.

JOÃO FERNANDES.

Isso fica por minha conta... Ah! respiro! agora, sinh'

Anninha, veja, se me arranja depressa uma chicarasinha
e o café.

ANNA.

Qual café nem meio café! pense em que o-estão espe-
rando na Junta. Ande, mano Joãosinho, vá cumprir o
seu dever.

JOÃO FERNANDES.

E vou-me sem o café! (Á parte.) Tenho uma irmã que se
declarou inimiga da minha barriga! é uma mulhersinha
de taquari e faca de ponta: eu protesto que nunca mais
serei presidente na minha vida. (Vai-se.)

SCENA VII

ANNA, só.

Não me chamem sinh'Anninha, se eu deixar no meio a
minha vingança: aposto, afianço, e protesto que a derre-
tida de minha sobrinha ha de casar com um dos dous
inglezes... e depois... depois que remedio terei, senão
perdoar ao ingrato?... ai! ai! quem ama, não tem so-
cego! (Canta.)

Quem ama, não tem socego,
Anda sempre a suspirar,
Ai! ai!
Quem me dera, que me ouvisse,
Quem me pôde consolar;
Ai! ai!

Em vão procura minh'alma
Seu tormento disfarçar ;

Ai! ai!

Quem ama, não tem socego,
Anda sempre a suspirar ;

Ai! ai!

(Vai-se.)

SCENA VIII

FELICIA, só.

Escondi-me atrás da porta, e minha tia passou rente comigo; mas sem me vêr. Tenho um talento particular para enganar os velhos, e lembra-me que o defunto meu marido, quando se casou comigo, já tinha cincoenta annos. (Pausa.) Ora pois: desenganei a velha o melhor que era possível; mas agora Faustina, que me suppõe traidora, está mal comigo, e o snr. Henrique desesperado contra mim: minha tia quer casar minha prima com um inglez... que farei?... eu que embrulhei o negocio, devo desembrulhal-o: se eu fôsse Faustina, deixava-me furtar de casa para casar-me... mas minha prima é uma tola, e o snr. Henrique um namorado legal, que não dá um passo sem consultar a constituição e as leis do imperio, e não suspira nem pisca um olho senão conforme as disposições do codigo: com elles não se póde contar. Ah! Felicia! Felicia! mostra que és viuva; prova a tua experiencia... (Pensando.) Qual! não me lembra um unico recurso... o melhor é esperar tudo do acaso.

SCENA IX

FELICIA e GERMANO.

GERMANO.

Onde estará Henrique?... maldito seja o namoro que tira o juizo á gente!

FELICIA, á parte.

Bem disse eu que devia esperar tudo do acaso : eis ali um mocetão que de subito me apparece trazendo cara de acaso. (A Germano.) O snr. Germano póde dar-me uma palavra?...

GERMANO.

Pois não, minha snra.! (Á parte.) Esta viuvinha está fresca como um sorvete, e é tentadora como um verdadeiro demoninho vestido de saia.

FELICIA.

Primeiro que tudo, faça pouca bulha...

GERMANO.

Para lhe obedecer transformo-me todo inteiro em pés de lã.

FELICIA.

O snr. não é amigo do snr. Henrique?...

GERMANO.

Oh! muito! muito! mas sou capaz de amar mil vezes mais a snra.

FELICIA.

Fico-lhe agradecida; mas não é preciso ter incommodo. Vamos ao caso, e depressa. Sabe que o seu amigo ama com a maior ternura a minha prima Faustina?...

GERMANO.

Sei; mas eu creio que estou começando a amar ainda mais extremosamente á snra.

FELICIA, á parte.

E elle a dar-lhe! (A Germano.) Pois bem: saiba que meus tios pretendem obrigar minha prima a casar com um dos dous engenheiros inglezes...

GERMANO.

Que loucura! não caia, porém, a snra. em casar com o outro charlatão...

FELICIA.

Não tenha medo; socegue: mas veja que se o tal projecto se realisa, o snr. Henrique perderia a cabeça; e se o snr. quizesse prestar um serviço ao seu amigo...

GERMANO.

Que posso eu fazer?... decrete, mande, como uma soberana que dá ordens a um escravo...

FELICIA.

Os dous charlatães são tão inglezes como nós, e se aqui houvesse verdadeira policia, com facilidade nos veriamos livres d'elles: não haveria perto algum destacamento?... não se poderia dar alguma providencia?...

GERMANO.

Na villa á que pertence este curato e que dista d'aqui umas dez leguas, ha um destacamento, e por signal eu sou amigo do commandante, que se chama Furia.

FELICIA.

Exactamente é de um Furia que temos necessidade.

GERMANO.

A snra.?... mas porque antes não tem necessidade de um Amor?... Se quizer, eu vou crismar-me com esse nome.

FELICIA.

O snr. tem um cavallo prompto?...

GERMANO.

Na mangedoura.

FELICIA.

Corre bem?...

GERMANO.

Mais veloz do que elle só a fama da sua belleza, minha snra.

FELICIA.

Não cansará?...

GERMANO.

Como?... mais ardente do que elle só o fogo do amor que me devora!

FELICIA.

Pois então a cavallo! a cavallo, meu snr.! e dentro de

vinte horas quero aqui o Furia á frente de algumas furias.

GERMANO.

E o meu prémio?...

FELICIA, rindo-se.

A satisfação do seu amigo.

GERMANO, rindo-se.

Em consciencia... não acha que é pouco?...

FELICIA.

Um agradecimento pela minha bocca.

GERMANO.

Veja se me promete um bocadinho mais, minha snra.!

FELICIA.

Um sorriso dos meus labios...

GERMANO.

E... e .. e...

FELICIA.

Emfim... e um suspiro do meu coração.

GERMANO.

Parto como um raio. (Vai-se correndo.)

SCENA X

FELICIA, só.

E eu fico como um gelo. O moço é de bom gosto; mas chega tarde, porque eu já dei a minha palavra à dous na côrte, e a um na capital da provincia. São tres primeiros amores, não contando com o do meu defunto marido. Agora a difficuldade está só na escolha: é verdade que quem tem tres primeiros amores, pôde ter ainda um quarto... e seria engraçado se o que chegasse por ultimo vencesse aos que tivessem chegado antes: qual engraçado! até era muito natural, porque em materia de primeiros amores, no coração das moças, o primeiro amor sempre o ultimo. Ora... só pela esquesitice... estava quasi... quasi... veremos: ninguem se deve precipitar em negocios serios. (Vai-se.)

SCENA XI

ATANASIO, MANOEL GONÇALVES e BONIFACIO

BONIFACIO.

Ora, meus snres., por quem são, moderem-se!...

ATANASIO.

Eu não cedo nem um palmo...

MANOEL GONÇALVES.

Eu não cedo nem uma pollegada... tenho por mim a maioria do povo do curato!

ATANASIO.

E que me importa a mim o povo, se eu sou aqui o subdelegado e capitão da companhia avulsa da guarda nacional, e tenho por mim os inspectores de quarteirão?... snr. Manoel Gonçalves, reconheça : a opinião publica é a policia, só a policia, e sempre a policia.

BONIFACIO.

Não se esquentem, snres. : oução-me primeiro : ambos os snres. marchão para o mesmo fim e querem a mesma cousa, isto é, querem a torre...

ATANASIO.

Tal e qual...

MANOEL GONÇALVES.

Exactamente...

BONIFACIO.

Então porque luctão, e porque arrastão o povo para um combate?... comprehendo que se separassem em partidos, se um quizesse a torre de forma triangular, e o outro redonda; se um quizesse a torre de pedra ordinaria, e o outro a preferisse de marmore; mas os snres. se separam sómente porque um quer a torre de lord Gimbo, o outro a de mister Matracoat, e no emtanto nem ao menos ainda virão o desenho de nenhum dos dous engenheiros.

ATANASIO.

Mas não é preciso vêr : a torre de mister Matracoat é por fôrça melhor.

MANOEL GONÇALVES.

Nego : a de lord Gimbo é incontestavelmente superior.

BONIFÁCIO.

Já virão os planos?...

ATANASIO.

Não é preciso vêr.

MANOEL GONÇALVES.

Adivinha-se.

BONIFACIO.

Pois eu já vi os desenhos de ambos : são duas torres muito ordinarias, muito mal pintadas, muito semelhantes uma com a outra, e tendo apenas a unica differença de ser a torre de lord Gimbo pintada de vermelho, e a de mister Matracoat de amarello.

MANOEL GONÇALVES.

Pois basta isso : no vermelho é que está a cousa.

ATANASIO.

Não preciso mais : no amarello é que se acha o segredo.

BONIFACIO.

Pois nem assim-se moderão ?

ATANASIO.

A guerra está declarada : recuar agora seria uma vergonha.

MANOEL GONÇALVES.

Eu hei de queimar o ultimo cartucho !

BONIFACIO.

Deixem-se disso, meus snres. : em nome de nosso curato eu lhes proponho uma conciliação : visto que a unica differença dos dous desenhos está nas côres, assentemos em que a torre seja pintada de uma côr da base até o meio, e da outra côr do meio para cima. D'este modo tudo se fará á contento geral.

MANOEL GONÇALVES.

Mas se eu quero mostrar que o snr. não tem influencia legitima no curato !

ATANASIO.

Ora deixe-se de asneiras : não ha subdelegado sem influencia.

MANOEL GONÇALVES.

Um subdelegado faz-se e desfaz-se com uma folha de papel.

ATANASIO.

Mas, emquanto não se desfaz, pôde bem embrulhar todas as influencias legitimas em outra folha de papel !

MANOEL GONÇALVES.

Pois embrulhe-me, se é capaz !...

BONIFACIO.

Snres., com as embrulhadas é que se está estragando

tudo. Cheguem-se a razão : não deve haver lucta, onde não ha discordancia de opiniões : partidos só os que luctão por idéas : ponhão de parte os caprichos... cedão... sejamos todos amigos...

ATANASIO.

Isso da minha parte seria uma fraqueza... Nada! nada!

MANOEL GONÇALVES.

O snr. Bonifacio quer lançar-me água fria na fervura?

BONIFACIO.

Quero a paz, a concordia, e uma torre bem bonita : em?... o povo ha de abençoal-os... faço idéa das acclamações que vão receber... Vamos... quero ser o primeiro a-abraçal-os... (Abraça-os.)

ATANASIO.

Pois bem... cedo, mas ha de ser com uma condição...

BONIFACIO, á parte.

Lá vem asneira certamente. (A Atanasio.) E qual é?...

ATANASIO.

É que do meio para cima a torre ha de ser pintada de amarello...

MANOEL GONÇALVES.

Não, e mil vezes não! do meio para cima ha de ser de vermelho!

BONIFACIO.

Sires...

ATANASIO.

A primazia pertencerá sempre ao partido amarello. Do meio para cima? essa é boa!...

MANOEL GONÇALVES.

E pensava que eu havia de consentir em deixar-me por baixo!... declaro que estão rotas as negociações...

BONIFACIO.

Expliquem-se, por quem são! não se póde brigar por uma simples futilidade... Qual é o verdadeiro motivo da desintelligencia que os-separa?...

ATANASIO.

Pois não está claro?... é saber quem vai para cima!

MANOEL GONÇALVES.

Sim..... é porque nenhum de nós dous quer ficar de baixo!...

BONIFACIO.

Em resultado, a questão essencial é saber quem ha de puxar pelo badalo do sino!

ATANASIO.

Seja o que quizer. mas havemos de luctar! eu conto com os meus inspectores de quarteirão na heroica Junta!...

MANOEL GONÇALVES.

E eu tenho a maioria por mim!... luctemos!...

VOZES, dentro.

Viva!... viva!... fóra!... fóra!...

SCENA XII

Os PRECEDENTES e JOÃO FERNANDES apressado.

JOÃO FERNANDES.

Snres.... temol-a travada! os dous engenheiros estão furiosos um contra o outro... os partidos achão-se desesperados, e eu já estou com medo que a cousa acabe hoje com algum godemicidio...

VOZES, dentro.

Viva! viva!... fóra!... fóra!...

JOÃO FERNANDES.

Eil-os ahi!...

SCENA XIII

Os PRECEDENTES, BAPTISTA e DINIZ capitaneando os seus grupos; CRESPIM e PASCOAL trazidos em triumpho e cada um d'elles com o seu desenho de torre hasteado como bandeira; Povo na praça; ANNA, FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS ás portas e janellas.

BAPTISTA.

Viva o partido vermelho!...

VOZES.

Viva!... viva!... fóra!... fóra!...

DINIZ.

Viva o partido amarello!...

VOZES.

Viva! viva!... fóra!... fóra!...

CRESPIM.

Oh! iesse!... tanquiu sai, vermelhas, tanquiu sai!

PASCOAL.

Oh mini star contente, mim star muito satisfatoria!

BAPTISTA.

É intoleravel! a torre de mister Matraca é um insulto feito ao povo do curato: é um desenho infame! o nosso Manoel Pedreiro faria cousa muito melhor! (Applausos vaia.)

CRESPIM.

Estar direita! estar spich inglis muito superfine! Baptista ser muito boa deputada!

ATANASIO, a Pascoal.

Snr. engenheiro philosopho inglez, confunda aquell malvado!...

PASCOAL.

Mim non ter que dá satisfação a gente vermelho... mir já diz tudo que deve os amarellas, e grita uuma dia inteiro que lord Gimbo pinta no sua panno uuma grande poqu vergonha que chame torre!

CRESPIM.

Oh! mim estar furiosa e ter na cabeça dez mil diablo

contre torre de mister Matracoat! mister Matracoat nó sêr
engenhaira! estar burre, multe burre verruel!...

JOÃO FERNANDES.

Burro verruel!... que insulto!...

PASCOAL.

Lord Gimbo estar mais estupida que negro nova meia
cara : torre de lord Gimbo ser ladroeira insuportable! lord
Gimbo estar brute god bai!

JOÃO FERNANDES.

Chi!... bruto god bai!... que ataque!... elles vão logo
as do cabo!

CRESPIM, agarrando no desenho de Pascoal e gritando.

Stric for naive, etc., etc. (Falla imitando o inglez.)

PASCOAL, agarrando no desenho de Crespim e gritando.

Ai blise forming, etc., etc. (O mesmo.)

JOÃO FERNANDES.

Eil-os ferrados!...

CRESPIM, mostrando furioso o desenho.

Godemi! wait banc travers, etc., etc. (O mesmo.)

MANOEL GONÇALVES.

Apoiado! apoiado! isso é que é verdade. (Applausos e vaias.)

PASCOAL, mostrando furioso o desenho.

Wors babington, etc., etc. (O mesmo.)

ATANASIO.

Bravo! isto é que é dizer as cousas como ellas são. (Applausos, etc.)

CRESPIM, chegando-se a Pascoal.

Souvering de torre alames furter! (O mesmo, baixo.) Pascoal, eu creio que não ha remedio, senão jogarmos um pouco de sôco inglez...

PASCOAL, gritando.

Wars abrod, etc., etc. (O mesmo, baixo.) Vá feito! salve-se a verosemelhança...

BAPTISTA.

Vivão os vermelhos!... (Applausos e vaías.)

DINIZ.

Vivão os amarellos!... (Applausos e vaías.)

CRESPIM, despindo a casaca e arregaçando as mangas.

Godemi!...

PASCOAL, despindo a nizia e arregaçando as mangas.

Godemi!...

JOÃO FERNANDES.

D'esta vez vem o mundo abaixo!

MANOEL GONÇALVES, levantando a ca-saca.

Levante-se a divisa do partido!

ATANASIO, levantando a nizia.

Não role pelo chão a nossa bandeira!

CRESPIM, atirando-se sôbre Pascoal.

Minhas vermelhas, faz largo!

PASCOAL, atirando-se sôbre Cres-pim.

Afasta, minhas amarellas!

CRESPIM, dando sóco.

Godemi!...

PASCOAL, á parte.

Uh! arrumou-me no nariz devéras! ˆespera, diabo.
(Dando sóco.) Godemi!

CRESPIM, á parte.

Rebentou-me o ultimo dente do sizo! o patife é mestre do sóco inglez.

PASCOAL.

Godemi!..., (Dá-lhe sóco.)

CRESPIM, á parte.

Outro ainda maior! nada... eu appello para o jogo dos capoeiras; e arrumo-lhe uma cabeçada... (Dá-lhe cabeçada.)
Godemi!...

MANOEL GONÇALVES.

Brava cabeçada!... fogo n'elle!... (Applausos dos seus.)

ATANASIO.

Arrume-lhe, snr. Macota! bravo! assim! (Applausos dos seus.)

CRESPIM, dando.

Godemi!

PASCOAL, dando.

Godemi!

MANOEL GONÇALVES.

Não podemos ficar impassiveis... Avança, vermelhos!...
(Avançando com os seus.) Viva o partido vermelho!...

ATANASIO.

Avança, amarellos!... (Avançando com os seus.) Viva o partido amarello!...

JOÃO FERNANDES.

Ah quem d'el-rei!... ah quem d'el-rei!...

AS SENHORAS.

Misericordia!... (Canto geral.)

CRESPIM e PASCOAL.

Godemi!

Godemi!

Godemi!

Godemi!

JOÃO FERNANDES e SENHORAS.

Socorro!

Socorro!

Socorro!

Socorro!

GONÇALVES e OS SEUS.

Vermelho!

Carrega!..

Derriba!..

Esfrega!

ATANASIO e OS SEUS.

Amarello!...

Arremette!...

Desanca!...

Accomette!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

O theatro representa a mesma decoração dos actos anteriores.

SCENA PRIMEIRA

ANNA, FELICIA e logo JOÃO FERNANDES

FELICIA.

Minha tia, por quem é, mostre-me a cartinha de Faustina; deixe-me apreciar os circumloquios da prima.

ANNA.

Não me exasperes tu tambem... tu és tão boa como ella!

JOÃO FERNANDES, com máo humor e irritado.

Empatado! sahiu tudo empatado! isto é um desafôro!...

FELICIA.

Que é isso, meu tio?...

JOÃO FERNANDES.

Que ha de ser?... Foi a heroica Junta votar por escrutinio secreto sôbre a escolha de um dos dous engenheiros para fazer a torre, e por fim de contas tantos votos obteve o vermelho como o amarello ! Empatado ! sahiu tudo empatado ! isto é um desafôro !

FELICIA.

E portanto, nada ha feito?...

JOÃO FERNANDES.

Nada; mas appellarão para o suffragio universal que é uma cousa que eu não entendo; mas o certo é que o povo do curato que está todo reunido, vai proceder immediatamente á eleição do engenheiro para a torre, e por minha desgraça sou eu o presidente da mesa eleitoral.

ANNA.

Pois, snr. Joãosinho, continue a abandonar a sua casa para occupar-se com essas barafundas politicas que ha de ganhar muito com isso : dentro em pouco a deshonra e a vergonha hão de lhe subir pelas portas e janellas á cima, como a herva de passarinho pelos galhos de uma lorangeira velha.

JOÃO FERNANDES.

Que é que está dizendo, sinh' Anninha?...

ANNA.

Digo-lhe que sua boa filha já garatuja cartinhas de amor... Veja lá esta eloquencia... (Dá-lhe carta.)

JOÃO FERNANDES.

Morro de peste!...

FELICIA.

Qual, meu tio! isto é peste que não mata pessoa alguma. matasse, estava o mundo despovoado.

ANNA.

Leia, ande : leia você mesmo para vêr, se toma juizo.

JOÃO FERNANDES, pondo os oculos.

Isto ha de ser mais feio do que um rol de roupa suja! (ndo mal). « Que...ri...do amor! » vai me faltando a voz : ni...nha tia me es...tá levan... ao de...ses...pero. » O bbinho da rapariga escreve ainda pèor do que o meu rivão : « estou vi...ven...do no in.. xi...xi...xi... » (A Fe-). Que diabo de aranha é esta?...

FELICIA.

É um *f*, meu tio.

JOÃO FERNANDES.

F é o teu nariz : isto é um *x*.

FELICIA, tomando a carta.

Dê-me a carta, que eu acabo de lêr. (t.é.) « Estou vivendo inferno : não posso mais soffrer minha tia : se você de-
ras me estima, peça-me em casamento hoje mesmo a
pae, e se elle lhe negar a minha mão, tire-me por jus-
a; porque eu quero me casar com você, e a vontade da
ladoa é livre. Sua amante do coração : a mesma. » Mi-

nha prima está muito atrasada em cartas de amor... coitadinha... nunca andou em collegio...

ANNA.

Então, que me diz a cidadoa parlamentar que já não póde soffrer sua tia?...

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, vamos lá dentro, e procure-me a palmatoria.

FELICIA.

Que quer fazer, meu tio?

JOÃO FERNANDES.

Quero ir ás unhas da cidadoa.

ANNA.

Qual palmatoria nem meia palmatoria! este crime deve ter um castigo prompto e exemplar : mano Joãozinho, lembre-se do que me prometeu hontem á tarde : eu quero que você declare e publique á todos que dará sua filha em casamento com trinta mil cruzados de dote ao engenheiro que fôr escolhido para fazer a torre.

FELICIA, á parte.

É vingança de mulher e de mulher velha : minha tia tem cabellino na barba.

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, o casamento faz-me conta, principalmente se o inglez souber consertar alambique de engenhoca; mas os trinta mil cruzados de dote ! Misericordia!...

ANNA, batendo com o pé.

O que disse, ha de fazer; está decidido!

JOÃO FERNANDES.

Snra... não me condemne a andar pedindo esmolos! eu estou com as finanças completamente desafinadas.

ANNA, ameaçando.

Ai! ai! ai!

JOÃO FERNANDES.

Isto é pôr-me uma faca aos peitos!

ANNA.

Pois então fique-se com sua filha, e dê-me para cá o meu testamento e o que me pertence: e já e já!... vamos!

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha, socegue.

ANNA.

Uma de duas: ou vou-me embora, ou é fazer o que digo.

JOÃO FERNANDES, á parte.

E devéras a velha é capaz de fazer péor do que diz! (A Anna.) Sinh' Anninha, você é os meus peccados... Eu cedo... venha cá... darei vinte mil cruzados de dote... é mais do que se desse o coração...

ANNA, depois de reflectir.

Concordo: eu sou condescendente; mas você ha de fazer agora mesmo a declaração publica do casamento.

JOÃO FERNANDES.

Sinh' Anninha... eu não sei fallar em publico... sou muito vexado...

ANNA.

Pois publique por edital: você não é juiz de paz?...

FELICIA, á parte.

Lá vai minha prima ser posta em edital!...

SCENA II

Os PRECEDENTES e BONIFACIO.

BONIFACIO.

Snr. juiz de paz, assigne depressa esta portaria, convocando o povo para proceder á eleição do engenheiro.
(Apresenta-lhe um papel, tinteiro e penna.)

JOÃO FERNANDES.

Aponte-me sempre com o dedo, onde devo escrever o meu nome.

BONIFACIO, apontando.

Aqui. (João Fernandes recebe o papel e vai assignando.)

ANNA.

Snr. escrivão, uma palavrinha...

BONIFACIO.

Prompto e ás ordens, minha srra (conversão á parte.)

FELICIA, á parte.

Está o juiz de paz assignando, e a juiza da guerra consirando.

JOÃO FERNANDES.

Este nome Fernandes é bem atrapalhado para se escrever!

BONIFACIO, a Anna.

Que diz, minha snra.?... um edital!...

JOÃO FERNANDES, á parte.

Ai meus vinte mil cruzados!... (Entrega o papel.)

ANNA.

Mano Joãosinho, já expliquei tudo ao snr. Bonifacio, e le vai escrever o edital, e publical-o.

BONIFACIO.

O snr. juiz de paz ordena?... o caso me parece extravagante...

ANNA.

Falle, mano Joãosinho!

JOÃO FERNANDES, com força.

Ordeno! (á parte.) Ai meus vinte mil cruzados!

FELICIA, a Bonifacio.

Não escreva, snr. Bonifacio; olhe que é erro de officio.

BONIFACIO.

A cousa é estapafurdia, mas tem seu lugar: o edital

vai inflamar inda mais os taes partidos; porém... aqui não ha mesa para se escrever... só se entrassemos em casa...

ANNA.

Não é preciso : escreva sôbre as costas do mano João-sinho. -

JOÃO FERNANDES.

Sôbre as minhas costas, sinh'Anninha?...

BONIFACIO.

Eu não me atrevo... sôbre as costas de Sua senhoria...

ANNA.

Não quer dizer nada : curve-se, mano Joãozinho : olhe, que boa mesa! (João Fernandes curva-se : Anna põe-lhe nas costas o tinteiro e estende o papel.) Escreva, snr. Bonifacio!

JOÃO FERNANDES, seguro por Anna.

Escreva... ande depressa, olhé, que se houver demora, a sinh'Anninha derrea-me.

BONIFACIO.

Lá vai por ordem de Sua senhoria. (Escreve.)

FELICIA, á parte.

Que miseria ! estou com vergonha de meu tio !

JOÃO FERNANDES.

Sur. Bonifacio, não carregue muito com a mão, que me dóe a espinha. (Á parte.) Ai meus vinte mil cruzados!...
(Canta.)

Pelo dinheiro um homem de juizo
Soffre o diabo sem sentir abalo;
Vende affeições, aluga a consciencia,
E até as vezes serve de cavallo.

Casa com a velha mais pateta e feia,
Se um rico dote a bruxa lhe offerecer,
E até se curva, põe-se de gatinhas,
E faz das costas mesa de escrever.

BONIFACIO.

Prompto : veja a snra., se está a seu gôsto. (Anna lê.) Es-
pere... (A João Fernandes, que se move.) Não se mova... que
desgraça! (Entorna-se a tinta.)

FELICIA.

Ah! ah! ah! ah!

JOÃO FERNANDES, limpando-se.

Ora está! fiquei todo borrado!...

ANNA.

Não faz mal : assigne já o edital. (João Fernandes assigna.)
Agora toca a lê-lo ao povo. (A Bonifacio.) Mas diga-me pri-
meiro : como vai a eleição?...

BONIFACIO.

Furiosa e indecisa : o dinheiro, a fraude, a violencia, e o
diabo estão fazendo brilhaturas.

ANNA.

E qual é o mais feio e antipathico dos dous ingle-
zes?...

BONIFACIO.

O da casaca vermelha, que tem cara de gato do nato.

ANNA.

Pois, é esse que ha de vencer para casar com Faustina.
Eu já volto. (Entra.)

SCENA III

FELICIA, JOÃO FERNANDES e BONIFACIO.

JOÃO FERNANDES.

Ora isto! fiquei todo sujo!

BONIFACIO.

Snr. juiz, sabe o que faz com este edital?..

JOÃO FERNANDES.

Snr. Bonifacio, aqui para nós, eu estou coacto.

BONIFACIO.

E quer que o publique?..

FELICIA.

Elle já declarou que está coacto : não publique.. é
contra a lei...

JOÃO FERNANDES.

Publique, e leve tudo o diabo, com tanto que me fique
o testamento e a fortuna da tartaruga de minha irmã.

SCENA IV

Os PRECEDENTES e ANNA de chaile e chapéo.

ANNA.

Mano Joãosinho, dê-me a sua carteira... ande... vamos...

JOÃO FERNANDES.

Eil-a ahí, snra.; mas veja que tem dentro seis centos e trinta e dous mil réis... (Á parte.) Ai! ai! (Dá a carteira.)

ANNA.

Snr. Bonifacio, pague já o edital, e até logo. (Indo-se.)

JOÃO FERNANDES.

Onde vai, sinh'Anninha da minh'alma?...

ANNA.

Vou cabalar. (Vai-se.)

FELICIA.

Ah! ah! ah!... (Bonifacio prega a portaria e depois toca o sino.)
Snr. Bonifacio, olhe que está tocando à fogo!...

BONIFACIO.

E é mesmo questão de fogo, porque se trata de uma noça que quer casar. Chamo o povo para ouvir lér o edital.

JOÃO FERNANDES.

E eu vou esconder minha vergonha no fundo do quintal. (Entra com Felícia.)

SCENA V

BONIFACIO, Povo e logo JOÃO FERNANDES.

BONIFACIO.

Convoquei a toque de sino o povo do curato, para mostrar-lhe um edital que acabo de afixar (mostra-o), e no qual o nosso juiz de paz se obriga a dar sua filha em casamento com vinte mil cruzados de dote ao engenheiro que fizer a nossa torre: eil-o! leião todos! (O povo examina o edital.) É um grande acto de heroicidade!... (Á parte.) É uma grande prova de falta de juizo.

VOZES.

Viva o nosso juiz de paz!... viva!...

JOÃO FERNANDES, apparecendo á porta.

Ai meus vinte mil cruzados!...

BONIFACIO.

Agora vamos tratar da eleição: venha, snr. juiz de paz, venha, que a cabala ferve.

VOZES.

Viva o nosso juiz de paz! viva!... (Cercão-o e o-applaudem.

JOÃO FERNANDES.

Obrigado... obrigado, meu povo!... (Á parte.) Eu cá sei,
o que me dóe!...

CÔRO GERAL.

Avante! avante!... avante!...
Não ha que descansar!...
É dia de batalha,
Avante a cabalar!

(Vão-se todos.)

SCENA VI

HENRIQUE e logo FAUSTINA.

HENRIQUE.

Isto é incrível! não... (Vê o edital; arranca-o e guarda-o.) Mas
é verdade! eil-a ahí! pobre Faustina! é uma victima...
é...

FAUSTINA.

Henrique... oh! tem compaixão de mim! condemnão-
me a humilhação e a vergonha... sou objecto da zombaria
de todos... oh! salva-me... é por ti que eu soffro...
salva-me... appella para a justiça dos homens...

HENRIQUE.

A justiça no interior das provincias é a vontade abso-
luta dos potentados : rir-se-ão de ti e de mim se eu ap-
pellasse para ella; consola-te, porém, e anima-te : acabo de

receber uma carta da capital que me encheu de prazer : oh !
minha amada, minha bella noiva; nós vamos ser felizes!

FAUSTINA.

Porém, quando? eu já não posso esperar... minha vida
é um tormento incessante...

HENRIQUE.

Talvez hoje mesmo brilhe a nossa ventura, e este in-
digno edital será ainda para nós uma garantia de felici-
dade. Seremos um do outro á face de Deus e dos ho-
mens.

FAUSTINA, alegre.

Será possível?... não me enganas?...

HENRIQUE.

Juro-te pelo nosso amor.

FAUSTINA.

Então dou tudo por bem soffrido! (Henrique observa se vem
gente : Faustina falla á porta.) Vou deixar a vida de solteira!
vou casar-me! ah! tambem eu não podia mais... é uma
massada insuportavel! (A Henrique) Mas, dize, que noticia
recebeste?...

HENRIQUE.

Não: quero guardar segredo para dar-te o prazer da
surpreza...

FAUSTINA.

Pois sim. mas o essencial é que nos casemos em
breve...

HENRIQUE.

Que dúvida!... só se você disser que não quer, Faustina.

FAUSTINA.

Quero! quero! desde pequenina que o-desejo!...

HENRIQUE.

Sinto rumor de gente que se aproxima...

FAUSTINA.

Adeus! não quero que nos encontrem conversando. (À parte.) Ah! tomará ver-me casada para conversar á minha vontade com meu marido! (Voltando-se: á Henrique.) Lembra-te do que me juraste... do essencial, Henrique! (Vai-se.)

HENRIQUE.

Lembra-me muito... muito... adeus!... (Vai-se)

SCENA VII

CRESPIM e PASCOAL, cada um de seu lado.

CRESPIM, olhando desconfiado.

Adeduce verruel!

PASCOAL, o mesmo.

Lesse tanquiú sai.

CRESPIM.

Eu creio, Pascoal, que estamos sós e podemos virar a língua.

PASCOAL.

Eu ando desesperado por achar com quem falle portuguez.

CRESPIM.

Pois então põe um olho na direita, que eu ponho outro na esquerda para que não nos apanhem desprevenidos; porque é preciso não esquecer que somos inimigos.

PASCOAL.

Sim; tu pões um olho na esquerda e eu outro na direita; mas se nos vierem pela retaguarda?...

CRESPIM.

É bem lembrado; mas não se deve esperar pelo fundo, a uma gente que não tem fundo.

PASCOAL.

Pois muito bem: olho vivo e vamos ao que importa. Meu Crespim, estou vendo esta patifaria de engenheiros muito mal parada. Tu não descobres no horizonte do dia de amanhã uma cousa que se parece assim com uma sova de pão?...

CRESPIM.

Oh! capanga muito ordinario! tens animo de lembrar-te de sova de pão, quando te offerecem a gloria de ser engenheiro da torre, e te pedem por favor que te cases com uma moça que tem vinte mil cruzados de dote?...

PASCOAL.

É verdade... sim; mas se eu tenho sina de cachorro!

escuta, Crespim : se o teu partido vencer, de que modo teias de arranjar, se tu nunca soubeste como se arma um mundéu, quanto mais como se levanta uma torre?... como se improvisarás engenheiro na pratica, meu Crespim?...

CRISPIM.

És o typo da estupidez, Pascoal; vives na cidade, e não enxergas as casas! attende, miseravel : não ha professores de collegios que ensinão o que nunca soubêrão?... não se transforma em diplomata um boneco que sabe somente namorar e fazer cortezias?... não se improvisão estadistas da noite para o dia?... não se faz de um homem de juizo torto um juiz de direito?... o patronato não é um santo milagroso que torna um jacaré em Adonis, um trahante em beneenerito da patria, e um taboa rasa em sabio da Grecia?... pois então porque tambem não poderei ser um engenheiro de torres, e, ainda melhor, casar com a filha do capitão João Fernandes?...

PASCOAL.

Mas, por fim de contas, como has de construir a torre?...

CRISPIM.

Nada mais simples : chamo um mestre pedreiro e um mestre carpinteiro e mando-os arranjar a obra como puderem. Olha, Pascoal; faz-se muito disso ahi por esse nundo do Brasil : tanto o povo como o governo já estão habituados a comer gato por lebre, e até parece que gostão lo guisado.

PASCOAL.

Mas, Crespim, nós estamos illudindo indignamente este pobre povo!

CRESPIM.

Ora que novidade! o pobre povo anda quasi sempre illudido por aquelles por quem mais trabalha e se sacrifica. É um tolo que não se corrige : quanto mais o-enganão, menos elle se desengana. Zombemos pois do povo, na certeza de que não somos os primeiros que o-fazemos. Entretanto, como sou teu amigo, e vejo que realmente ha perigo n'esta embrulhada, aconselho-te, Pascoal, que te ponhas ao fresco o mais depressa que te fôr possível.

PASCOAL.

Sim, grandiss.simo velhaco, para te achares só em campo, e comeres o dinheiro da torre e o dote da pequena : pois não será assim! tu és tão bom engenheiro como eu, e aconteça o que acontecer (com fogo.) não commetterei a infamia de abandonar o glorioso partido amarello!

CRESPIM.

Mas, olha, que tu tens sina de cachorro!

PASCOAL.

Embora! hei de sacrificar-me pelas idéas sans e patrioticas do partido amarello! prefiro ser feito em postas à ceder-te a gloria de...

CRESPIM.

De comer o dinheiro do povo e de devorar o dote da

ilha do velho : conheço muito patriotismo d'essa qualidade.

PASCOAL.

Tu és um cynico : os homens de gravata lavada, como tu, sabem esconder as idéas mais ignobeis em bonitas palavras : no nosso caso a obra da torre deve chamar-se um serviço relevante prestado á patria, e o casamento com os vinte mil cruzados da pequena um enorme sacrificio consummado em signal de gratidão ao amor do povo.

CRISPIM.

Excellent! agora o que cumpre decidir, é qual de nós dois deve empolgar o bôllo.

PASCOAL.

Eu, que sou o chefe do partido amarello!

CRISPIM.

E então onde fico eu com o meu partido vermelho?...

PASCOAL.

Oh! o bôllo!... o bôllo!... malvado! queres, portanto, oppôr-te á minha fortuna?... ah! não poder eu dizer a toda esta gente que tu és um valdevinos, e que nunca este engenheiro!

CRISPIM.

Tem paciencia : nós somos d'aquella especie de chefes de partidos que conhecendo-se bem, sabem que têm uns e outros uns rabos de legua e meia : em tal caso é de regra

que tu respeites a minha cauda para que eu não pise na tua. Pascoal, nós somos dous inglezes, tão inglezes como a propria lama de Londres.

PASCOAL.

Mas o bôllo!... o bôllo!... o bôllo!...

CRISPIM.

O bôllo! o bôllo [é a causa principal de muita maxinifada que se faz ahi por esse mundo.

PASCOAL.

Eu quero fazer a torre e casar com os vinte mil cruzados da filha do velho!

CRISPIM.

Pois veremos quem vence, vermelho ou amarello!

PASCOAL.

Portanto, guerra! e comecemos immediatamente: (Querendo brigar.) Em guarda!

CRISPIM.

Olhem que bobo!... pateta das luminarias, nos somos os dous zangões dos nossos partidos, e os zangões dos partidos não costumão bater-se: os pequenos sacrificão-se por elles; o povo joga o sóco, suja-se de lama, e algumas vezes de sangue, e os vivatões no quartel da saude esperão que a contenda se decida, e comem o prato que outros para elles preparão: eu hei de seguir tão proveitoso exemplo: sou um chefe e zangão do partido vermelho e portanto, não me exponho nem me bato. Não preciso pro-

var, que tenho mãos nem braços : o essencial está aqui :
(Patendo na barriga.) Tenho barriga!

PASCOAL.

Deste-me um quinão de mestre : tu nasceste para ministro de Estado. (Cântão.)

CRESPIM e PASCOAL.

Alegres vivamos, comendo e bebendo
Á custa dos tolos que brigão por nós ;
Deixal-os que luctem, que bulhem, que morrão,
Que mordão-se todos com raiva feroz.

Deixemos que os tolos por nosso interesse
Os ossos rebentem a sôco, e a páo :
Comamos o bôllo, e por fim de contas,
Aos que se queixarem, diremos-babáu !

CRESPIM.

Sinto grande rumor; mas ninguem chega pela direita.

PASCOAL.

Nem pela esquerda, juro-te eu.

CRESPIM.

Então é tempestade que vem pela retaguarda. Cuidado!
Inglezes como d'antes.

SCENA VIII

CRESPIM e PASCOAL passeando em sentido diverso e cantarolando o *God save*; BAPTISTA, DINIZ e alguns dos seus trazendo duas mesas grandes e duas pequenas, que cobrem de garrafas, assados, pão, etc.; as mesas pequenas reservadas para Crespim e Pascoal ficão na frente.

BAPTISTA.

Snr. lord Gimbo, eis aqui uma mesa especial para V. Exa. se refrescar, e animar o povo com a sua presença. (Ao povo.) Quem votar com o nobre partido vermelho, tem aquella mesa para comer e beber. Cheguem! nada de ceremonias!

CRESPIM, comendo e bebendo.

Verruel! bat mai sok! (Passea depois.)

DINIZ.

Snr. mister Maracataprà, a sua mesa de honra é esta, e a do glorioso partido amarello aquella. (Ao povo.) Quem votar connosco, beba e coma quanto púder!

PASCOAL, comendo e bebendo.

Mim vai fique trinque de rame: ai god plink pudelim!
(Passea depois.)

CRESPIM, á parte e comendo.

Aquillo é inglez de preto minas.

BAPTISTA.

Amigos, não ha tempo a perder: a cabala ferve! (Vai-se)

DINIZ.

O partido amarello reclama a minha presença fóra d'aqui... toca a trabalhar! (Vai-se.)

SCENA IX

CRESPIM e PASCOAL comendo e passeando; começa a cabala; os cabalistas agitam-se no fundo; ANNA entra e sahe apressada, comprando votos, levando votantes, etc. — D'aqui até o fim viveza e variedade nas scenas.

CRESPIM.

Eu vi um que trazia o nariz esborrachado : creio que já houve pancadaria lá por fóra.

PASCOAL.

Não faz mal : é por nossa gloria : o povo tem juizo como terra.

CRESPIM.

Falla baixo, ou falla inglez, diabo !

SCENA X

CRESPIM, PASCOAL, BONIFACIO e JOÃO FERNANDES
que o-segue.

BONIFACIO.

Estou muito occupado, snr. juiz de paz...

JOÃO FERNANDES.

Um momento só, sr. Bonifacio : valha-me nos apuros em que me vejo : escute aqui em segredo. Eu estou entre a cruz e a caldeirinha : não sei como hei de votar n'esta maldita eleição : não quero ficar mal com pessoa alguma, e já recebi cinco chapas de cada partido. Estou com os bolsos cheios.

BONIFACIO.

Em quem deseja V. S. votar?...

JOÃO FERNANDES.

Homem, eu prefereria votar n'aquelle que concertasse o alambique da minha engenhoca.

BONIFACIO.

Qualquer dos dous engenheiros jura, que é capaz de fazel-o.

JOÃO FERNANDES.

Então veja se me arranja um meio de eu votar em ambos.

BONIFACIO.

É impossivel.

JOÃO FERNANDES.

Mas se eu não quero ficar mal com pessoa alguma! isto é uma patifaria! tomara que me riscassem da lista dos votantes por falta de senso commum.

BONIFACIO.

Dê-me cá as chapas. (Recebe-as e dá-as arranjadas.) Ponha

todas as amarellas no bolso esquerdo; agora todas as vermelhas no direito : quando algum dos cabalistas quizer ver a sua lista, lembre-se do bolso direito e esquerdo, e mostre a chapa do sugeito : no acto da entrega, aperte bem o papel na mão, e introduza na urna sem ninguem ver-lhe a côr. Até logo. (Vai-se.)

JOÃO FERNANDES.

Esta só lembra ao diabo! quem quizer falcatruas, procure um escrivão.

CRESPIM.

Quanta pouca vergonha vai já por ali!

PASCOAL.

Estou com vontade de me atirar na eleição : é uma patiscada incomparavel!

JOÃO FERNANDES, estudando.

Esquerdo... amarella : direito... vermelha : vermelha... direito : amarella... esquerdo : tomara apanhar um cabalista para pregar-lhe o mono.

SCENA XI

CRESPIM, PASCOAL, JOÃO FERNANDES, ATANASIO e MANOEL GONÇALVES cercando João Fernandes.

JOÃO FERNANDES, á parte.

Estou entre Pilatos e Caiphaz!...

ATANASIO, puxando João Fernandes.

Póde ter a bondade de mostrar-me a sua lista?...

MANOEL GONÇALVES, o mesmo.

Snr. capitão, quero ver a sua chapinha.

JOÃO FERNANDES.

Os snres. estão me pondo n'um torniquete!

ATANASIO.

Snr. Manoel Gonçalves, arrede-se, este homem sempre votou comigo!

MANOEL GONÇALVES.

É falso! elle sempre entrega a minha lista!

JOÃO FERNANDES, á parte.

Os dous diabos sabem mais do que eu, que ignoro completamente com quem tenho votado até hoje! (Aos dous.) Snres., não briguem; eu vou mostrar-lhes a minha lista. (Leva Atanasio para um lado e dá-lhe do bolso direito.) É esta... veja. (Leva para o outro lado Manoel Gonçalves e dá-lhe do bolso esquerdo.) É esta; mas segredo! (Olhando-os.) Misericordia!... troquei as bolas!...

ATANASIO.

É um homem sem fé e sem palavra!...

MANOEL GONÇALVES.

O snr. é um... um... troca-tintas!...

JOÃO FERNANDES.

Os snres. me insultão!... troca-tintas!...

SCENA XII

Os PRECEDENTES e ANNA.

ANNA.

Afastem-se! o mano Joãozinho vota comigo: sr. Manoel Gonçalves, eu respondo por elle. (Atanasio retira-se contrariado.)

JOÃO FERNANDES, á parte.

Ora está! vou ficar votante seguro sem querer!

CRESPIM, á parte.

Temos uma saia envolvida na eleição: vai entrar o diabo na urna.

ANNA.

Sr. Manoel Gonçalves, já puz miólo vermelho em vinte chapas amarellas; mas de cada vez que fiz uma dessas proesas, sahiu tambem miólo da carteira do mano Joãozinho.

MANOEL GONÇALVES.

A snra. è a cumieira do partido vermelho.

CRESPIM, á parte.

Ai que a velha è do meu partido! Tenho uma tartaruga nas minhas columnas.

JOÃO FERNANDES, á parte.

Eu tinha na carteira seiscentos e trinta e dous mil ré's!...

SCENA XIII

Os PRECEDENTES e BAPTISTA apressado

MANOEL GONÇALVES.

Que novidades ha?...

BAPTISTA.

Um contratempo : Ambrosio Cebola nosso votante firme caiu do cavallo no caminho com um ataque de mal de gota.

MANOEL GONÇALVES.

Tratante! porque não havia de ter o ataque de mal de gota depois da eleição?... mas enfim o Braz Pereira que não está qualificado, pôde entregar uma chapinha por elle.

BAPTISTA.

É impossivel : o Braz Pereira já está fallado para votar por um morto e por dous invisiveis.

ANNA.

Então eu visto-me de homem, e vou votar com o nome de Cebola.

JOÃO FERNANDES.

Sinh'Anninha! por quem é, não faça isso!

CRESPIM, á parte.

Cebola parece-me com effeito o diabo da velha

BAPTISTA.

Tenho outra idéa : está lá em casa um caixeiro de um negociante da capital que veio proceder a algumas cobranças, e se elle quizesse...

MANOEL GONÇALVES.

Ha de querer por força... vá buscá-lo... corra... voe!... (Vai-se Baptista.) Viva o partido vermelho!... (Vai cabalar; o mesmo Anna.)

ATANASIO, abraçado com um votante.

Meu amigo... chegue-se á razão... o snr. não póde negar este favor ao seu subdelegado !

VOTANTE.

Mas eu móro nas terras do snr. Baptista, e se não votar com elle, sou posto fóra do sitio... é impossivel...'

ATANASIO.

Então o snr. continúa a resistir aos meus pedidos?

VOTANTE.

Não posso servil-o... eu tinha vontade; mas não posso...

ATANASIO.

Está no seu direito : eu respeito muito a liberdade do voto; mas fique certo que dentro de tres dias seu sobrinho Porfirio será recrutado : ha de ser um excellente soldado!

VOTANTE.

Por quem é, snr. subdelegado!

ATANASIO.

Eu não sirvo a quem não me serve : o snr. atreve-se a resistir á policia ! è um inimigo do governo ! è um revolucionario !

VOTANTE.

Mas o meu sitio... snr... o meu sitio!...

ATANASIO.

Pois bem, escute : dê-me a sua lista ; aqui tem esta que è da mesma côr vermelha, mas que leva miôlo amarello : o Baptista pensará que o snr. vota com elle e ficamos arranjados... (Troca as listas.)

VOTANTE.

Assim vá feito... pôde contar comigo...

ATANASIO.

Veja o que diz?... lembre-se de seu sobrinho e do recrutamento ! (Vai para o fundo.)

VOTANTE.

Não tenha dúvida... (Á parte.) Ora veja ! como se a gente pobre fôsse escrava da policia... eu não voto com a policia nem pelo diabo!...

SCENA XIV

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO, DINIZ, MANOEL GONÇALVES
e ANNA á seu tempo.

DINIZ, á correr.

Snr. Atanasio! snr. Atanasio! a velha sinh'Anninha

furtou-nos sette guardas nacionaes que vierão com o alferes Felisberto... os tratantes não querem mais votar connosco...

ATANASIO.

Corra e vá dizer ao Felisberto que os-ameace com piquete dobrado, e com o recrutamento, e que prenda e tranque no xadrez por crime de desobediencia á aquelles que resistirem. Corra! vá!

DINIZ, correndo para fóra.

Viva o voto livre!... viva o voto livre!... (Vai-se.)

CRESPIM.

Bebe vinha, minhas vermelhas! bebe vinha p'ra bota terra nos olhos das amarellas!...

VOZES.

Viva o snr. lord Gimbo!... viva!... (Bebem.)

ANNA, corre, toma um copo e bebe.

A razão da mesma!... (Applausos : vai cabalar.)

PASCOAL, á parte.

Aquella velha é a melhor cabalista da terra! estou vendo que me fura a chapa!...

SCENA XV

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO, MANOEL GONÇALVES, BAPTISTA
e logo DINIZ.

BAPTISTA, furioso.

Snr. Manoel Gonçalves, isto é um desafôro! a policia

arrambou o portão do quintal do Fidelis, e furtou-nos dous votantes que estão escondidos na casa do snr. subdelegado!...

MANOEL GONÇALVES, a Atanasio.

Snr. Atanasio, esta acção é infame!... a constituição diz que o asylo do cidadão é inviolavel!...

ATANASIO.

Pú!... pú!...

DINIZ, furioso.

Snr. Atanasio! snr. Atanasio!... isto brada ao céu!... a sinh'Anninha fez embebedar á tres votantes nossos que estão caídos na rua e não podem votar!...

ATANASIO.

Snr. Manoel Gonçalves, semelhante procedimento é revoltante, immoral, e offensivo aos preceitos do pacto fundamental!...

MANOEL GONÇALVES.

Pú!... pú!... pú!...

SCENA XVI

Os PRECEDENTES, BONIFACIO apressado, e logo ANNA, SINEIRO.

BONIFACIO.

Chegou a hora da eleição : vai-se formar a mesa, snres.!

VOZES.

A mesa! a mesa!... (O sineiro toca o sino.)

JOÃO FERNANDES, á janella da igreja.

Sur. escrivão, reclame fôrça armada com polvora e bala, espadas e baionetas para garantir o voto livre!

ANNA, a Manoel Gonçalves.

Vá arranjar a mesa, que eu tomo conta dos votantes cá fóra... (A Baptista.) Tome cuidado que os phosphoros não votem... olhe que ha phosphoros como formiga .. (Movimento.)

ATANASIO, a Diniz.

Fique o snr. na rua, enquanto eu vou pôr na mesa o Lulu furta-votos. (Movimento, ruído, confusão.)

CÓRO GERAL.

A hora é chegada
Do grande combate;
O sin o se escuta
Tocando á rebate;
Chegámos ao termo
Da forte campanha.
Vencer saberemos
Por fôrça ou por manha.
Da mesa á conquista
Marchemos agora:
No emtanto a cabala
Referva cá fóra.
Miolo nas chapas
Pedido, ameaça,

Intriga, dinheiro,
 Mentira, trapaça;
 Violencia, e pancada
 (Em termos legaes)
 A gloria preparão
 Das nossas vestaes.
 Qualquer meio serve,
 Se dêr a victoria ;
 Vencer é o caso,
 O mais é historia.

SCENA XVII

CRESPIM e PASCOAL sentados, DINIZ e ANNA ao fundo e continuando á cabalar, BONIFACIO e logo HENRIQUE.

BONIFACIO.

Eis ahi o quadro fiel de uma grande loucura... Atira-se o pobre povo em uma comedia que as vezes acaba em tragedia, e aqui está o que é uma eleição!...

HENRIQUE.

Engana-se, snr. Bonifacio, e engana-se muito inconvenientemente; porque confunde a verdade com a mentira, o direito com o abuso, e o fundamento essencial do melhor dos systemas de governo com a offensa e a postergação desse mesmo systema.

BONIFACIO.

Ora, snr. doutor! eu fallo com a evidencia dos factos.

HENRIQUE.

E eu lhe respondo com a pureza e santidade do direito. O systema eleitoral é a bella e grandiosa consagração da soberania do povo; é o órgão pelo qual a voz da nação se faz ouvir, manifestando os seus sentimentos e a sua vontade; é o princípio sagrado da fôrça dos governos e da nobreza e da honra dos governados; mas para que assim seja é indispensavel que a verdade se respeite, e a lei se cumpra á risca, pronunciando-se ampla e livremente o voto do povo, e fallando as urnas sem péas, nem violencia, nem illusões, nem depravação, nem torpezas.

BONIFACIO.

E quando não se respeita a verdade, e não se cumpre a lei á risca?...

HENRIQUE.

Então não ha eleição; ha abuso e crime. Ai, de nós se se devesse julgar do systema eleitoral por essas saturnaes que se mascárão com o nome de eleições!...

BONIFACIO.

Segue-se que as malditas saturnaes têm desacreditado o systema!

HENRIQUE.

Não; porque a mentira não pôde desconceituar a verdade, nem o abuso deshonar o direito : por ventura o medonho tribunal da inquisição com as suas torturas, as suas fogueiras e os seus horrores pôde manchar a pureza da santa lei de Christo?...

BONIFACIO.

Mas a inquisição acabou, e as traficancias eleitoraes não hão de acabar.

HENRIQUE.

Hão de acabar, quando os governos quizerem que ellas acabem: hão de acabar, quando os governos derem ao povo com duradora constancia o exemplo do respeito á lei, da moralidade, e da crença fiel na religião do voto livre. Então, o povo livre em suas eleições da influencia do governo, sacudirá de seus hombros a carga de individualidades prepotentes, e o systema eleitoral brilhará com toda a sua magnificencia.

BONIFACIO.

Mas, enquanto não chega esse bello tempo, ha de permittir que eu me vá divertindo e rindo muito com o que estou observando.

HENRIQUE.

Oh! sem dúvida! aconselho-o mesmo que o-faça: as zombarias n'este caso, não se dirigem ao systema eleitoral, e sim aos abusos que se praticão em nome d'elle. Zombe e ria-se, portanto; o Tartufo de Molière foi a critica do hypocrita, e não do homem verdadeiramente religioso. Zombe e ria-se! mas lembre-se tambem, de que o quadro que está observando não é de todos o péor: n'este contemplará apenas os ridiculos excessos e desmandos das autoridades policiaes e das potencias locaes de um pobre curato do interior d'esta província, e isso é nada em com-

paração das proezas abusivas e frenéticas, com que se celebrição os mais altos funcionarios publicos, quando tratão de conquistar uma eleição.

BONIFACIO.

Ainda bem! pois que me dá licença, vou tomar um farfão...

HENRIQUE.

Sim; mas sôbre tudo não esqueça, que não se trata do systema eleitoral... Trata-se simplesmente dos abusos, que convem reprimir e castigar.

VOZES, dentro.

É phosphoro!... fóra! fóra!

OUTRAS VOZES, dentro.

Não é phosphoro! ha de votar. (Gritaria.)

BONIFACIO.

Lá vou! lá vou!... (Vão-se Bonifacio e Henrique.)

SCENA XVIII

CRESPIM, PASCOAL, ANNA, ATANASIO, MANOEL GONÇALVES, DINIZ e BAPTISTA apressados. — Muito movimento.

ATANASIO.

Snr. Diniz, estão recebendo as cedulas... vá buscar os phosphoros... traga os votantes... (Vai-se Diniz. — Atanasio volta á igreja.)

MANOEL GONÇALVES.

Os votantes, sinh' Anninha... snr. Baptista, os votantes!

(Movimento geral. — Os votantes são empurrados para a igreja : ficão ainda muitos, vêm chegando outros : rumor e gritaria na igreja; listas lançadas pela janella. Anna em motu contínuo, Manoel Gonçalves volta á igreja. Muito movimento no fundo da scena.)

SCENA XIX

CRESPIM e PASCOAL. — A cabala continúa no fundo.

Ruido. constante.

CRESPIM.

Oh! Pascoal, que dizes-tu da eleição?...

PASCOAL.

Está indecisa : estes sugeitos são uns patetas : se eu me tivesse mettido na dança, punha tudo raso; o melhor cabalista que ha aqui, é a sinh' Anninha; a macaca velha sabe onde tem o nariz!

CRESPIM, depois de meditar.

Pascoal... vamos fazer uma transacção?...

PASCOAL.

Êm?... que é la isso de transacção?...

CRESPIM.

Homem, transacção... é assim uma negociata um pouco phosphorica disfarçada com um nome decente... Vamos

transigir, Pascoal; deixa esse povo descuidado estrafergar-se por nós, e tratemos de arranjar a nossa vida. Escuta : se o meu partido vencer, caso-me com a pequena, e dou-te a quinta parte do dote; fico engenheiro da torre, e te nomeio meu contra-mestre com vinte mil réis de jornal. Se o teu partido triumphar, tu procederás do mesmo modo comigo : êm ?

PASCOAL.

Mas como ha de ser isso, se tu és vermelho e eu amarello?...

CRESPIM.

Olhem que basbaque! arranja-se uma combinação de côres, tolo : tu ficas amarello atirando para vermelho, e eu vermelho puxando para amarello.

PASCOAL.

E os nossos partidos, Crespim?

CRESPIM.

Ora viva!..... os nossos partidos que vão plantar batatas.

PASCOAL, dá dous passos.

Está dito. (offerece a mão.) Toca!... (Apértão as mãos com fôrça.)

CRESPIM.

Bravo!... (Com effusão.) Salvou-se a patria!...

SCENA XX

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO e DINIZ.

ATANASIO.

Não é possível!... não é possível!...

DINIZ.

É exactissimo : a gente do João Fagundes votou toda-sinha em peso com o Manoel Gonçalves...

ATANASIO.

O João Fagundes jurou-me pela cruz que toda a sua gente votaria comigo, homem!...

DINIZ.

Ao snr. jurou pela cruz, e ao Manoel Gonçalves jurou pelo cunho : já vê que ficamos logrados.

ATANASIO.

Então é um tratante que não tem cruz nem cunho!... O tolo fui eu que não me lembrei que elle anda sempre em leilão!... (Desesperado.) Estamos furados!...

DINIZ.

Nada de desesperar : não desamparemos a mesa : no fim do jogo é que se sabe quem ganha. Vamos. (Vão-se apressados.)

CRESPIM.

Pascoal, pelo geito que a cousa vai tomando, creio que ficas meu contra-mestre.

PASCOAL.

Até vêr não é tarde : creio que acabo por metter-me na eleição só pelo gôsto de deixar a sinh' Anninha de bocca aberta.

SCENA XXI

CRESPIM, PASCOAL, BAPTISTA; PANTALEÃO doente, ancia do pallido, e com enorme barriga, trazido em uma cadeira de braços; MANOEL GONÇALVES.

PANTALEÃO.

Ai! ai que morro!... não posso mais!

BAPTISTA, chamando.

Snr. Manoel Gonçalves, venha receber o seu compadre Pantaleão...

MANOEL GONÇALVES.

Oh! compadre do coração! mesmo assim tão doente...

PANTALEÃO.

Ai!... só para lhe obedecer... Ai! ai que morro!...

CRESPIM, á parte.

Eis ali um tolo entre dous algozes!

MANOEL GONÇALVES.

Doente de barriga d'água e veio votar commosco!... descanse um pouco primeiro, compadre; descanse...

BAPTISTA, a Manoel Gonçalves.

Olhe que elle já teve um ataque no caminho...

MANOEL GONÇALVES, com viveza.

Levem o compadre para votar... depressa! depressa!...

PANTALEÃO.

Ai! ai que morro!... (Levão-o : Baptista vai com elle.)

MANOEL GONÇALVES.

Oh! snr. lord Gimbo! este é o dia mais glorioso da minha vida... O nosso partido triumpho...

CRESPIM.

Oh! iesse... mim star muito satisfatoria... Mister Gonçalves, bebe copa de vinha comiga! (Enche dous copos e offerece um.)

MANOEL GONÇALVES.

Tanta honra! á victoria do partido vermelho!... (Bebe.)

CRESPIM.

Viva, minhas vermelhas! Ip! ip! ip! urrah!... (Bebe.)

PASCOAL, á parte.

E eu fico reduzido a contra-mestre! não : tal não succederá : protesto a fé de capanga!

SCENA XXII

CRESPIM, PASCOAL, MANOEL GONÇALVES, BAPTISTA,
e logo ANNA vestida de homem.

BAPTISTA.

O homem votou : foi vermelhinha como um tomate maduro.

MANOEL GONÇALVES.

E como vai a cousa?...

BAPTISTA.

O melhor possivel : até a sinh' Anninha votou.

MANOEL GONÇALVES.

Como, homem?...

BAPTISTA.

Faltou-nos um votante do morro das Formigas, e que ha de fazer a sinh' Anninha?... Veste umas calças e a cazaca do irmão, e no meio do tumulto votou pelo priguiçoso das Formigas.

ANNA.

Victoria! a eleição é nossa : venceremos por mais de cincoenta votos!

MANOEL GONÇALVES.

A gloria d'este triumpho lhe pertence toda : e como lhe assenta bem essa cazaca!...

ANNA.

Eu nasci para homem : estou resolvida á pôr o mano Joãozinho de saia e a tomar para mim estas roupas masculinas; nada, porém, de descuidos : não desamparemos á urna.

MANOEL GONÇALVES.

VAMOS. (Vão-se Anna, Baptista e Manoel Gonçalves.)

CRESPIM.

A saude do meu contra-mestre! (Bebe.)

PASCOAL.

Sim?... zombas de mim?... pois bem : verás para quanto presto; vou envolver-me na eleição, e se eu não fôr o engenheiro da torre, tambem tu não has de sel-o. Tenho dito! accendeste os meus brios de capanga : vou fazer das minhas!...

CRESPIM.

Queres quebrar o contracto que fizemos, Pascoal?... Não te lembra a palavra que me dêste?

PASCOAL.

Em tempos de eleição suspendem-se as garantias da honra e da probidade! (Canta.)

Torre querida,
Corro a salvar-te!
Para alcansar-te
Tudo ousarei.
És a esperança
Da minha vida:

Torre querida,
Eu te farei.
Torre querida,
Corro a salvar-te!
Para alcansar-te
Tudo ousarei.

SCENA XXIII

CRESPIM, PASCOAL, ATANASIO. DINIZ e os seus.

ATANASIO.

Isto só a bacamarte!... perdi a eleição!... está deshonrada a policia!...

DINIZ.

Foi traição... traição por todos os lados!

ATANASIO.

Até o indigno Lulú furta-votos d'esta vez não furtou nem uma lista! Que vergonha... está tudo desmoralizado!

DINIZ.

A eleição está nulla por trinta mil razões... Vamos fazer um protesto...

ATANASIO.

Qual protesto! vamos arranjar uma duplicata. (Em acção de partir, e párao á voz de Pascoal.)

PASCOAL.

Pára ahi, minhas amarellas!

ATANASIO.

Oh! snr. Macota, perdemos tudo!

PASCOAL.

Mim vai ganhe tudo outro vez...

DINIZ.

Agora?... agora é impossivel.

PASCOAL.

Mim vence todes eleições n'Inglaterra : minhas amarellas sabe jogue soco inglez, bote pontepê, arrume cabeçade, e faz diable a quatre?...

TODOS.

Sim ! pancadaria no caso !

CRSPIM, á parte.

Olhem o diabo da policia, gente!

PASCOAL.

Avance todes de uma vez : mim vai marcha no frente, e furta urne, quebra urne, rasgue lista, e minhas amarellas faz diable a quatre, arrume pancadaria, e guardecos-tas de mister Matracoat : avance, amarellas! todes furte urne! avance!

TODOS.

Avança ! avança ! (Vão-se correndo.)

CRSPIM.

Ai, que me roubão as honras de engenheiro da torre, e os vinte mil cruzados da filha do velho!... Mas eu não

devo ficar com cara de tolo... (Gritando.) Acode, minhas vermelhas! olho viva! os amarellas vai furte urne! (Correndo para a igreja.) Alerte, vermelhas! alerta, vermelhas!... vermelhas!...

(Desordem horrível; gritaria; Pascoal apparece com urna na calçada, e atira-a no meio do theatro; espalhão-se e ra-gão-se as listas. Anna apparece de cazaca rota, pancadaria; João Fernandes salta pela janella da igreja, e cae a fio comprido; Pascoal e Crespim encontrão-se e agar-rão-se e na lucta caem ambos.)

SCENA XXIV

CRESPIM, PASCOAL, JOÃO FERNANDES, MANOEL GONÇALVES, ATANASIO, BAPTISTA, DINIZ, ANNA em scena. MULTIDÃO em scena; FAUSTINA, FELICIA e SENHORAS ás janellas e portas; logo depois GERMANO, GUILHERME e POLICIAES; e enfim á seu tempo HENRIQUE.

SENHORAS.

Misericordia! misericordia!

ANNA.

Ás armas! ás armas! ás armas!... (Gritaria.)

JOÃO FERNANDES, entrando e caindo.

Ah! quem d'el-rei! ah! quem d'el-rei! declaro que passei a vára... não sou mais juiz de paz!...

DINIZ,

Mata!... vingança!..

CRESPIM, agarrando-se a Pascoal.

Godemi ! grandississimo patife !

PASCOAL, o mesmo.

Godemi ! agora, velliaco ! (Desordem e gritaria.)

GUILHERME.

Ordem, senhores ! Soldados, prendão a quem resistir !...

GRITO GERAL.

Misericordia !.. (Serena a desordem. Crespim esconde-se em baixo da mesa.)

PASCOAL, á parte.

Guilherme Lamego Furia, por alcunha o fura-tripas !...
estou perdido ! pois se eu tenho sina de cachorro ! (Esconde-se com Crespim.)

GUILHERME, aos soldados.

Prendão aquelles dous gatos que estão embaixo da
mesa. (Prendem.)

CRESPIM, á parte.

Deu a costa o lord Gimbo !...

MANOEL GONÇALVES.

Pois o snr. atreve-se a prender um lord inglez?..

ATANASIO.

E a um philosopho da Grã Bretanha?...

GUILHERME.

Snrs., estes homens são dous tratantes que zombarão
de vós : ha quatro dias que ando á pista d'elles... aqui
não ha inglezes.

VOZES.

Que vergonha!... que atrevimento!...

JOÃO FERNANDES.

E ficamos sem torre!... ora esta!...

HENRIQUE.

Não : a nossa torre vai levantar-se ; eis aqui a portaria que eu esperava ; estou nomeado engenheiro da provincia, e encarregado de dirigir as obras da nossa igreja, e portanto, conforme a declaração do seu edital, snr. capitão João Fernandes, sua filha deve ser minha esposa.

JOÃO FERNANDES.

Pois case com ella, snr. Henrique, case quanto antes, que a pequena anda n'um fogo por isso.

FELICIA.

Então, minha tia, que me diz?...

ANNA.

Ai! ai! menina; quem ama não tem socego!

GERMANO, a Felicia.

E o premio que me prometeu?

FAUSTINA, a Felicia.

Devo-te a minha felicidade! Oh! Felicia! como é doce casar-se uma moça com um moço bonito, a quem ama!

FELICIA.

Sim!... (A Germano.) SNR. Germano! snr. Germano! Faustina está me fazendo crescer água na bocca : trate já e já

de arranjar os papeis necesarios para casar comigo, e na proxima eleição cabale para sahir deputado. (Cântão.)

HENRIQUE e FAUSTINA.

Na pyra do hymenéo
Flammeja ovante amôr :
Corôa o nosso affecto
A benção do Senhor.
Deus faz nossa ventura,
É santo o nosso ardôr.

CÔRO GERAL.

Na pyra do hymenéo
Flammeja ovante amôr :
Corôa o vosso affecto
A benção do Senhor.
Deus faz vossa ventura,
É santo o vosso ardôr.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO.

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collecção in-8º a 2\$000, 3\$000 e 4\$000 broch. Encadernado
a mais por volume.

Frank (Edmundo).

Mariposas. 2 vol.

Garrido (Ed.).

Comedias. 3 vol.

Scenas e cançonetas. 1 vol.

Monologos 1 vol.

Gonçalves Dias.

Obras poeticas. 2 vol.

Gonzaga (Thomaz-Antonio).

Marilia de Dirceu. 2 vol.

Guimarães (Bernardo).

Lendas e Romances 1 vol.

O Ermitão de Muquem. 1 vol.

A Escrava Isaura. 1 vol.

O Garimpeiro. 1 vol.

A Ilha maldita. — O Pão de
Ouro. 1 vol.

Mauricio. 2 vol.

Rosaura, a engeitada. 1 vol.

O Seminarista. 1 vol.

Folhas do outono. 1 vol.

Novas Poesias. 1 vol.

Historias e tradições da pro-
vincia de Minas-Geraes. 4 v.

Guimarães Junior (Luiz).

Contos sem pretensão. 1 vol.

Curvas e zigs zags. 1 vol.

Filagranas. 1 vol.

Corymbos. 1 vol.

Nocturnos. 1 vol.

Junqueira Freire.

Obras completas. 2 vol.

Landrio (Mgr).

A mulher forte. 1 vol.

Laurindo Rabello

Obras poeticas. 1 vol.

Liais (E.).

Supremacia intellectual da
raça latina. 1 vol.

Lucio de Mendonça.

Alvoradas. 1 vol.

Macedo (Dr J. M. de).

Mulheres celebres. 1 vol.

A Carteira de meu tio. 1 vol.

O Culto do Dever. 1 vol.

Os dous amores. 2 vol.

O forasteiro. 3 vol.

A luneta magica. 2 vol.

Memorias do sobrinho de
meu tio. 2 vol.

O Moço loiro. 2 vol.

A Moreninha.

As Mulheres de mantilha. 2 v.

A Namoradaira. 2 vol

Nina. 1 vol.

Vicentina. 2 vol.

Baroneza de Amor. 2 vol.

Um noivo a duas noivas. 3 v.

Um passeio pela cidade do
Rio de Janeiro. 2 vol.

Os 4 pontos cardeaes. — A
mysteriosa. 1 vol.

O Rio do Quarto. 1 vol.

Romances da Semana. 1 vol.

Rosa. 2 vol.

A nebulosa. 1 vol. in-4º.

Theatro completo. 3 vol.

Victimas Algozes (As). 2 vol.

Memorias da rua do Ouvidor.
1 vol.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).